

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

Francis Ricardo Rocha Padilha

VOZES E SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA:
UMA ABORDAGEM QUALITATIVA DE MATERIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS
E SONORO-MUSICAIS KAINGANG E MBYÁ GUARANI

Porto Alegre

2022

Francis Ricardo Rocha Padilha

VOZES E SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA:
UMA ABORDAGEM QUALITATIVA DE MATERIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS
E SONORO-MUSICAIS KAINGANG E MBYÁ GUARANI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Música.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marília R. A. Stein.

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Padilha, Francis Ricardo Rocha
VOZES E SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA: UMA ABORDAGEM
QUALITATIVA DE MATERIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS E
SONORO-MUSICAIS KAINGANG E MBYÁ GUARANI / Francis
Ricardo Rocha Padilha. -- 2022.
63 f.
Orientadora: Marília Raquel Albornos Stein.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Música, Porto Alegre, BR-RS,
2022.

1. Materiais Educativos Sonoro-Musicais Kaingang e
Mbyá Guarani. 2. Ação Saberes Indígenas na Escola -
Núcleo UFRGS. 3. Etnomusicologia. 4. Educação Musical.
I. Stein, Marília Raquel Albornos, orient. II.
Título.

Dedico este trabalho aos povos Mbyá Guarani e Kaingang como reconhecimento de seus conhecimentos milenares e de suas lutas pelas retomadas de seus territórios tradicionais.

AGRADECIMENTOS

Esta parte do Trabalho de Conclusão de Curso traz um grande desafio, mas por outro lado, uma grande satisfação e oportunidade de recordar daquelas pessoas que ajudaram na construção e apoio para passar por todo esse processo.

À minha querida orientadora Prof.^a Dr.^a Marília Stein, por me ajudar a descobrir este tema de pesquisa ao qual eu tenho muito carinho e por me conduzir durante este trabalho, orientando e dando suporte para minhas dúvidas e inquietações.

Ao Mestre Kaingang professor Valmir Cipriano e à Mestra Kaingang Evanice Kutá da Silva pela gentil e importante contribuição sobre suas atuações como docente nas escolas indígenas que fazem parte.

À Prof.^a Dr.^a Luciane Cuervo, com a qual eu fiz minhas primeiras disciplinas de Iniciação Científica e minhas primeiras incursões à pesquisa, propiciando formar minha base como pesquisador.

À Prof.^a Dr.^a Luciana Del Ben, pelas aprendizagens durante as discussões nos estágios e onde pude exercer a escrita através da orientação para os relatórios da disciplina, exercício que foi importantíssimo para desenvolver minha escrita acadêmica.

Juntas, estas três professoras foram os pilares na minha formação como professor de música e me fizeram desenvolver um grande amor pela docência.

À Prof.^a Adrienne Annes, minha preceptora no Programa de Residência Pedagógica da UFRGS, no Colégio Estadual Piratini, onde pude desenvolver aulas sobre Música Indígena.

À minha querida filha Clara pela compreensão pelas ausências durante este período de estudo e pelo incentivo carinhoso.

Aos meus pais, por me envolverem num ambiente musical durante a convivência em família.

A todas as pessoas queridas que me incentivaram a iniciar e seguir firme no curso de Licenciatura em Música e terminar meu Trabalho de Conclusão de Curso.

*O Canto aproxima, o canto torna tudo mais fácil e,
também, entender mais a visão do bem viver Kaingang, na
verdade.*

Prof.^a Kaingang Evanice Kutá da Silva, março de 2022.

RESUMO

Este trabalho de investigação, situado no campo da Etnomusicologia, em suas imbricações com a Educação Musical e com base na interculturalidade crítica, buscou compreender, com a colaboração de professores e lideranças originárias, os significados, impactos e as formas de circulação, nas escolas e nas comunidades indígenas e em contextos interculturais, dos materiais sonoro-musicais e educativos produzidos pelos professores participantes da Ação de extensão Saberes Indígenas na Escola (SIE) - Núcleo Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para tanto, realizei o mapeamento e a análise dos materiais sonoro-musicais Mbyá Guarani e Kaingang da Ação SIE, assim como descrevi um livro-CD de mboráí (cantos e danças) Mbyá Guarani, feito colaborativamente entre membros de grupos de cantos e danças Mbyá e do Grupo de Estudos Musicais do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como resultados, a partir da escuta dos professores(as) indígenas, a pesquisa revelou a importância dos materiais educativos para um posicionamento político de valorização e respeito ao povo Kaingang; a profunda conexão entre música, espiritualidade e natureza na cultura Kaingang, expressa, por exemplo, nos teatros desenvolvidos no mato; e o valor da participação e do protagonismo das crianças Kaingang no processo de produção das cantigas de roda. Destaquei algumas possíveis contribuições da prática da música indígena para a descolonização do currículo de Música; entre elas: cultura, hábitos e conhecimentos Kaingang podem auxiliar professores e alunos não indígenas a compreender e valorizar a diversidade de modos de vida que coexistem e almejam respeito; a produção e a circulação de materiais educativos possibilitam diferentes processos interculturais críticos, principalmente em espaços educativos; e a audição dos materiais produzidos contribui para trazer a oralidade do povo Kaingang para espaços escolares e não escolares.

Palavras-chave: Materiais Educativos Sonoro-Musicais Kaingang e Mbyá Guarani. Ação Saberes Indígenas na Escola - Núcleo UFRGS. Etnomusicologia. Educação Musical.

ABSTRACT

This research work, contextualized in the field of Ethnomusicology in its imbrications of Music Education and based on critical interculturality, sought to understand, with the collaboration of indigenous teachers and leaders, the meanings, impacts and forms of circulation of sound-musical materials and educational activities produced by teachers taking part in the Ação de Extensão Saberes Indígenas na Escola (SIE) - Núcleo Universidade Federal do Rio Grande do Sul project attending indigenous schools and communities and in intercultural environment. In order to do so, I carried out the mapping and analysis of the sound-musical materials Mbyá Guarani and Kaingang from Ação SIE, as well as I described a CD-book in mboráí (songs and dances) Mbyá Guarani, made collaboratively among members of Mbyá singing and dancing groups and the Musical Studies Group of the Postgraduate Program in Music at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As a result, from listening to indigenous teachers, the research revealed: a) the importance of educational materials for a political position of appreciation and respect for the Kaingang people; b) the deep connection between music, spirituality and nature in the Kaingang culture, expressed, for example, through the plays performed in the wild; c) the value of Kaingang children's participation and protagonism in the process of producing nursery rhymes. I highlighted some possible contributions the practice of indigenous music may introduce to the decolonization of Music curriculum, including Kaingang culture, habits and knowledge that can help non-indigenous teachers and students to understand and value the diverse lifestyles that coexist, require and deserve respect: a) the creation and circulation of educational materials enable different critical intercultural processes, especially in educational environment; and b) listening to the materials produced contributes to bringing the orality of the Kaingang people to school and non-school sites.

Keywords: Kaingang and Mbyá Guarani Sound-Musical Educational Materials. Indigenous Knowledge at School Initiative – UFRGS University Core. Ethnomusicology. Musical education.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 1 - | Eu, Francis Padilha (2º plano, à esquerda), e um grupo de estudantes de música não-indígena, dançando um <i>xondaro</i> junto aos moradores Mbyá Guarani da Terra Indígena Cantagalo (Tekoá Jataity), no município de Viamão..... | 12 |
| Figura 2 - | Encarte do livro-CD Yvú Poty, Yva'á..... | 25 |
| Figura 3 - | Encontro SIE, realizado no Centro de Eventos dos Capuchinhos, Porto Alegre/RS (2017)..... | 29 |
| Figura 4 - | Encontro SIE na Aldeia Tekoá Guaviraty Porã, Santa Maria/RS, realizado de 13 a 17 de junho de 2016..... | 29 |
| Figura 5 - | Capa do livro Kaingang - Kanhgág Vĩ Ki, 2016..... | 30 |
| Figura 6 - | Capa do livro sobre letramento em Guarani – Jereroayu..... | 31 |
| Figura 7 - | Encarte do CD de músicas Kaingang - Kanhgág Vĩ Ki - Música Kaingang..... | 31 |
| Figura 8 - | Capa do Conjunto de mapas Guarani – Yvy..... | 35 |
| Figura 9 - | Estojo - Kanhgág Ag Kajró Ty Gir Mrè Ty Rãnrãj Ke..... | 36 |
| Figura 10 - | Cartão que representa um dos 21 cartões temáticos do material do estojo..... | 37 |
| Figura 11 - | Foto de capa do CD de cantos - Týgtýnh Kanhgág Vĩ Ki..... | 38 |
| Figura 12 - | Capa do CD de narrativas Kanhgág Kãme..... | 39 |
| Figura 13 - | Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Marechal Cândido..... | 41 |
| Figura 14 - | Professora Evanice em um dos momentos de gravação de cantos para o CD Týgtýnh Kanhgág Vĩ Ki (2017)..... | 42 |
| Figura 15 - | Escola na Aldeia Kaingang Ga jykre em Salto do Jacuí..... | 42 |
| Figura 16 - | Partitura produzida para uma aula sobre música Kaingang dentro da disciplina de Análise e Produção de Materiais Didáticos..... | 57 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1.1 | OBJETIVOS..... | 15 |
| 1.2 | JUSTIFICATIVA..... | 15 |
| 2 | PROCESSOS: O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA..... | 18 |
| 3 | ANCESTRALIDADE SONORO ORIGINÁRIA..... | 23 |
| 3.1 | YVY POTY, YVA'Á - PERGUNTAS E RESPOSTAS - DESCRIÇÃO DETALHADA..... | 23 |
| 3.2 | MATERIAIS EDUCATIVOS DA AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA - NÚCLEO UFRGS..... | 27 |
| 4 | COM A PALAVRA OS KAINGANG: SISTEMATIZAÇÃO A PARTIR DA ESCUA E DO DIÁLOGO..... | 40 |
| 4.1 | OS MESTRES E NOSSOS ENCONTROS..... | 40 |
| 4.2 | SABERES SONORO-MUSICAIS INDÍGENAS NA ESCOLA..... | 43 |
| 4.3 | CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA ESCUTA..... | 53 |
| 4.4 | INTERLOCUÇÕES MUSICAIS E PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS..... | 55 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 58 |
| | REFERÊNCIAS..... | 61 |

1 INTRODUÇÃO

Sou natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A Minha relação com a música aconteceu de maneira gradual, fruto de minha socialização familiar e de minha vivência musical ligada ao ambiente religioso ao qual eu fazia parte. O meu pai tocava violão em casa e também acompanhava minha mãe que cantava guarânias paraguaias em guarani e em português. Eles foram responsáveis pelas minhas primeiras influências na música. Aos 8 anos, gravei meu primeiro *jingle*. Fiz aulas particulares de piano dos 11 aos 15 anos. Aos 12 anos, comecei a cantar em coro adulto sacro no naipe dos tenores. Segui participando de atividades ligadas à música como regente de hinos sacros e mais tarde como pianista nas reuniões dominicais da minha comunidade religiosa.

No ano de 1994 ingressei no coral da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), sob Regência do maestro Manoel Câmara Rasslan, meu grande incentivador e responsável por ter me tornado músico de formação acadêmica. No ano de 1997, viajei com o coral da UFMS, para cantar no Festival Internacional de Coros organizado pela FECORS¹, em Porto Alegre. Após o festival, permaneci em Porto Alegre para fazer meu primeiro vestibular em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ingressei na UFRGS em 1998, no curso de Regência Coral.

Em agosto de 1999, tive oportunidade de ser estagiário/bolsista no Coral Juvenil do Colégio Militar de Porto Alegre. Também foram determinantes para minha formação como músico as oportunidades de trabalho fora do ambiente acadêmico. Aprendi muito com os primeiros grupos em que tive oportunidade de atuar. Em setembro do mesmo ano, 1999, passei a ser ensaiador de naipe do Madrigal do Departamento de Música da UFRGS no Instituto de Artes e tive a oportunidade de trabalhar com a monitoria de Canto Coral. No mesmo semestre, passei a realizar a preparação vocal do Coral PROCERGS², onde permaneci por 17 anos. Ainda no

¹ FECORS: Federação de Coros do Rio Grande do Sul. É uma sociedade civil sem fins lucrativos. Fundada em 1980, tem como objetivo manter, desenvolver e aperfeiçoar o canto coral no Rio Grande do Sul. (Fonte: www.fecors.com.br).

² PROCERGS: Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação do Estado do Rio Grande do Sul S. A., é uma sociedade de economia mista, que iniciou suas atividades em 28 de dezembro de 1972 como órgão executor da política de informática do Estado. (Fonte: www.procergs.rs.gov.br).

mesmo ano, comecei a reger o Coral da Paróquia Sagrada Família e iniciei minhas primeiras aulas particulares como aluno de técnica vocal.

Estar na Universidade e em Porto Alegre me proporcionaram uma rica vivência Musical. Particpei de *masterclasses* de canto com professores renomados no circuito de música erudita do Brasil e do exterior. Fui professor de técnica vocal em edições do *Painel de Regência Coral da FECORS-RS*, *Festival de Inverno de Londrina-PR* e *Laboratório Coral de Itajubá-MG*. Fui diretor pedagógico do *I Musik Fest*, em Santa Cruz do Sul. Cantei com diversas orquestras obras tais como Missa, Oratórios, Cantatas, Requiem, Óperas e Cortinas Líricas. Também desenvolvo repertório para música de câmara para salas de concerto e teatro. Em abril de 2011, ganhei o Prêmio Juri Popular e o 3º lugar masculino no 9º Concurso Internacional de canto *Bidu Sayão*. Também tive a experiência de trabalhar como ator e orientador vocal de musicais e peças de teatro aqui no estado, o que me proporcionou ser professor de voz na Casa de Teatro de Porto Alegre no ano de 2014. Nesse período, do ano 2000 até o presente momento (2022), eu exercitei com intensidade a interface como solista e professor de canto, trajetória que sigo desenvolvendo e se complementa à minha caminhada como educador e pesquisador.

Atualmente, exerço o cargo de Chazan, cantor litúrgico, na Sinagoga Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA), reço o Coral ADUFRGS³ Sindical e dou aula na disciplina eletiva Experiência de Musical no Colégio Israelita de Porto Alegre. As oportunidades do fazer musical em casa, no ambiente religioso, nas atividades universitárias abertas à comunidade acadêmica e não acadêmica, nos corais que trabalhei, com as orquestras que pude solar e com os professores diversos com quem tive o privilégio de estudar música me propiciaram uma diversidade de aprendizagens e práticas musicais. Essas experiências me oportunizaram um olhar para a possibilidade de outras formas de fazer musical e me aguçaram a escuta curiosa e interrogativa para contextos interculturais de encontros sonoros com que eu não havia tido contato ou que não percebia detidamente.

Concluí os cursos de bacharelado em Regência Coral e Canto nos anos de 2006 e 2009. Em torno de 10 anos após ter me desligado da UFRGS, resolvi retornar

³ ADUFRGS: Sindicato Intermunicipal dos Professores de Instituições Federais de Ensino Superior do Rio Grande do Sul. É uma entidade sindical que engloba os municípios de Porto Alegre, Alvorada, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Canoas, Charqueadas, Farroupilha, Feliz, Osório, Sapucaia do Sul, Tramandaí e Viamão no estado do Rio Grande do Sul.

à instituição para estudar Licenciatura em Música. Durante o curso de licenciatura, outras oportunidades surgiram, como a possibilidade de ser pesquisador. Fui bolsista Voluntário de Iniciação Científica de junho a outubro de 2019, sob orientação da professora Luciane Cuervo, para pesquisarmos aspectos da musicalidade da voz e amusia. Essas reflexões nutriram a minha atuação como oficinairo da atividade de extensão Laboratório de Musicalidades, coordenado pela mesma docente. O meu contato acadêmico mais próximo com a música indígena ocorreu quando a professora Luciane Cuervo me convidou para participar de uma atividade em conjunto com alunos da professora Marília Stein. Visitamos a Terra Indígena Cantagalo, um território Mbyá Guarani, no município de Viamão. Nesta oportunidade, pude participar de uma prática junto às crianças e jovens da comunidade, dançando um *xondaro*⁴, uma dança bem diferente das que conhecia até então. Algo como mexer alternadamente os pés, se movendo em uma fila circular, em roda, e seguindo as orientações do cacique da comunidade, Arlindo, que nos guiava indicando qual ação deveríamos fazer. O impacto desta experiência me causou um estranhamento, pois era algo muito diferente de qualquer dança que já tivesse participado. Stein (2013, p. 43) nos fala sobre essa estranheza que eu senti: “Somos, os *juruá* (não indígenas), inúmeras memórias sonoras e visuais musicais, mas as franjas, pontas e profundezas deste soar intenso Guarani causa mais estranhamento do que familiaridade à maioria de nós”.

⁴ *Xondaro* “É uma dança tradicional Guarani, também chamada tangará, nome de um pássaro, e sua coreografia imita seus movimentos. Meninos e meninas dançam em uma fila circular, avançando, pulando e girando, atento ao mestre do *xondáro* (*xondáro ruvíxá*), adulto que intercepta a dança dos meninos com uma *yvyra’ijá* (varinha), exigindo que saltem ou desviem de seus golpes. As meninas participam do círculo e dançam sem serem desafiadas da mesma forma pelo mestre. Nas *nheovangá* e no *xondáro*, cair e reerguer-se, desviar-se com leveza e agilidade, ou resistir a um deslocamento espacial pela força física, moldam a corporalidade e colaboram na constituição das *kyringüé* como pessoas Mbyá-Guarani.” (STEIN, 2009, p. 194, 265-266).



Figura 1 - Eu, Francis Padilha (2º plano, à esquerda), e um grupo de estudantes de música não-indígena, dançando um *xondaro* junto aos moradores Mbyá Guarani da Terra Indígena Cantagalo (*Tekoá Jataity*), no município de Viamão. Fonte: Luciane Cuervo.

Mais tarde tive a oportunidade de continuar esta aproximação à sonoridade indígena como pesquisador de música Mbyá Guarani e Kaingang, quando bolsista de iniciação científica e colega de outros estudantes de graduação e pós-graduação, envolvidos na pesquisa em etnomusicologia, orientados pela professora Marília Stein. Na oportunidade, pude conhecer e acessar fontes diversas de informações e referências sobre o universo indígena, tais como o site do livro *Cantos da Floresta*, de Magda Pucci e Berenice Almeida (2017), clipes da MC Guarani *Kaiowá Anarandá* (2020, 2021), o documentário *Nhandé Va'e Kue Meme'ĩ, Os seres da mata e sua vida como pessoas*, dirigido por Rafael Devos e *Vherá Poty* (2010), e o livro-CD *Yvy Poty, Yva'á - Flores e Frutos da Terra: Cantos e Danças Tradicionais Mbyá-Guarani* (2012), com os quais pude me aproximar ainda mais da cosmologia do povo Mbyá Guarani. Participar do grupo de pesquisa me deu subsídio para qualificar o meu planejamento de aulas para turmas do 1º e 2º anos do ensino médio da Escola Estadual Piratini, enquanto participava como bolsista voluntário do Programa de Residência Pedagógica da UFRGS, e para as disciplinas da Licenciatura em Música Metodologia da Educação Musical I e II. Especialmente nas aulas com os alunos da Escola Estadual Piratini, durante o Programa de Residência Pedagógica, percebi que a música indígena chamou a atenção dos alunos. De acordo com a professora Adriana Annes, minha preceptora no programa, os alunos gostaram muito do tema da aula.

Além da atividade de apreciação musical que preparei para eles, pude falar sobre o povo Mbyá Guarani e do seu modo de vida, contextualizando para os alunos as suas práticas musicais com base em minhas vivências e leituras sobre esta cultura.

A possibilidade de unir as pesquisas em Etnomusicologia com Educação Musical, a partir da experiência com os alunos do colégio Piratini, me pareceu possível e desafiadora. Ainda sob orientação da professora Marília, pude conhecer os materiais didáticos produzidos no Núcleo UFRGS da Ação Saberes Indígenas na Escola ⁵(SIE), orientada à formação de professores indígenas do Rio Grande do Sul, e me aproximar também da cultura Kaingang. De acordo com Ravanello (2017), “Os CDs possibilitam a produção de diferentes sentidos e experiências, conforme os professores, estudantes, familiares e as lideranças envolvidas, incluindo aí os gestores escolares”. Por fim, quando me matriculei na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Musical I, decidi que fazer um projeto sobre a sonoridade dos povos originários seria interessante e instigante. Acabei sendo envolvido por todas as novas descobertas que fiz durante a pesquisa como bolsista e me encantando com a sabedoria e cosmologia destes povos milenares.

O projeto foi tomando forma, e, então, pensei em realizar esta pesquisa qualitativa e de inspiração etnográfica, que consiste na reflexão sobre de que maneira os materiais sonoro-educativos originários produzidos por professores e lideranças Kaingang e Mbyá Guarani participantes da Ação SIE – Núcleo UFRGS podem contribuir para a descolonização dos currículos de música indígena e não indígenas. Ao me aproximar dos agentes desses documentos, pesquisei alguns aspectos das cosmologias originárias. Sobre o povo Kaingang, Cipriano (2020) nos conta:

Os Kaingang estão localizados no território brasileiro em determinadas áreas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Este território que ocupamos está dentro da mata Atlântica. Nosso povo possui metades clônicas organizadas em dois grupos *kamê* e *kanhru*, conhecidas como marcas e estão presentes nas pinturas, nos artesanatos, bem como nos animais e plantas que também possuem estas marcas ligado à nossa história de origem do povo, ou seja, a mitologia fundamentada em uma história que é passada de geração em geração. (CIPRIANO, 2020, p. 22)

⁵ Saberes Indígenas na Escola é uma ação nacional de formação continuada de professores pertencentes aos povos originários e que atuam em suas escolas. Situada em Universidades Públicas que tenham tradição reconhecida em pesquisa com educação e escolas indígenas, caracteriza-se como extensão universitária e está organizada em sete redes nacionais que articulam instituições núcleos e povos indígenas por regiões do Brasil. (BERGAMASCHI; MENEZES, 2020, p. 17).

Ainda sobre o povo Kaingang, Ferreira (2020, p. 61) nos diz:

O povo Kaingang, está entre os povos indígenas mais numerosos do Brasil. Segundo dados do IBGE (2010), os Kaingang somam 37.470 pessoas, das quais, 31.814 vivem em terras indígenas. (...) A língua pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, reconhecida somente no território brasileiro e que tem falantes desde o sul do Pará e Maranhão até o Rio Grande do Sul. (FERREIRA, 2020, p. 61)

Sobre o povo Mbyá Guarani, encontramos:

Os Mbyá-Guarani, junto com os *Kaiová*, *Nhandeva* e *Chiriguano*, são um subgrupo indígena Guarani, de fala guarani, idioma da família linguística tupi-guarani, do tronco tupi. Os Guarani, de provável origem amazônica de há mais de 3.000 anos, representam uma das maiores populações indígenas do Brasil, cerca de 34.000 indivíduos, sendo que aproximadamente 2.000 deles vivem no Rio Grande do Sul, distribuídos em mais de 20 aldeias. O território Guarani se estende no Brasil pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul, e também abrange Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia. (YVY POTY, YVA'Á, 2012, p. 27)

As palavras do kyingüé ruvíxá (mestre das crianças) Vherá Poty Benites da Silva (YVY POTY, YVA'Á, 2012, p. 17), nos ajudam a compreender aspectos de sua cosmologia:

Para nós Mbyá Guarani, o canto e a palavra são desdobramentos da essência divina de Nhãnderú, Nosso Primeiro Pai, criador de tudo que existe. Através do canto e da palavra, nos comunicamos com nossas divindades. O canto é uma inspiração divina, enviada para nós, Mbyá Guarani, através de sonhos. O canto tem o poder de curar as pessoas e fortalecer a vida comunitária. (YVY POTY, YVA'Á, 2012, p. 17)

Também me aproximei dos próprios materiais originários e interculturais pela análise destes produtos e pelo diálogo com dois professores(as) que fizeram a formação Saberes Indígenas na Escola, processos esses que descrevo nessa monografia. Espero, assim, apresentar os significados, impactos e formas de circulação dos materiais sonoro-musicais produzidos pelos professores(as) participantes da Ação SIE nas escolas e comunidades indígenas e em contextos interculturais, na perspectiva de professores(as) Kaingang. Pretendo também divulgar quais os sentidos e limites que os responsáveis pelos materiais veem na sua circulação e difusão intercultural.

1.1 OBJETIVOS

Tive por objetivo geral nessa pesquisa compreender, com a colaboração de professores e lideranças originárias, os significados, impactos e as formas de circulação dos materiais sonoro-musicais produzidos pelos professores participantes da ação Saberes Indígenas na Escola (SIE), nas escolas e nas comunidades indígenas e em contextos interculturais.

Com base nos objetivos específicos deste trabalho, procurei:

- Mapear e analisar alguns dos materiais educativos produzidos por professores e lideranças Kaingang e Mbyá Guarani participantes da Ação SIE – Núcleo UFRGS, em interlocução com dois professores(as) Kaingang;
- Explorar e analisar um livro-CD de *mborái* (cantos e danças) Mbyá Guarani, realizado colaborativamente entre membros de grupos de cantos e danças Mbyá e do Grupo de Estudos Musicais do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS;
- Refletir sobre de que maneira estes materiais sonoro-musicais educativos originários podem contribuir para a descolonização dos currículos de música indígenas e não indígenas

1.2 JUSTIFICATIVA

Acredito que esta pesquisa se justifica por revelar as especificidades e os valores dos processos educacionais dos povos originários Kaingang e Guarani no Rio Grande do Sul. Realizo esse intuito através da abordagem das produções sonoro-musicais indígenas em dois projetos desenvolvidos em colaboração por equipes interétnicas na UFRGS: a Ação Saberes Indígenas na Escola – Núcleo UFRGS (SIE) e o Projeto de salvaguarda do patrimônio músico-performático Mbyá Guarani, executado por membros de comunidades Mbyá Guarani da Grande Porto Alegre e por integrantes do Grupo de Estudos Musicais do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS.

A interculturalidade presente na Ação SIE pode trazer um olhar autorreflexivo e diferente para a prática docente no nosso país e despertar novas formas pedagógicas não hegemônicas e decoloniais na docência em música. De acordo com intelectual estadunidense naturalizada equatoriana, Catherine Walsh (2009, p. 25):

De maneira ainda mais ampla, proponho a interculturalidade crítica como ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – alentam a criação de modos “outros” – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras. A interculturalidade crítica e a de-colonialidade, nesse sentido, são projetos, processos e lutas que se entrecruzam conceitualmente e pedagogicamente, alentando forças, iniciativas e perspectivas éticas que fazem questionar, transformar, sacudir, rearticular e construir. Essa força, iniciativa, agência e suas práticas dão base para o que chamo de continuação da pedagogia de-colonial. (WALSH, 2009, p. 25)

Considero que, ao colocar em diálogo a Educação Musical e a Etnomusicologia, com base na pedagogia de-colonial, a investigação promoverá a escuta - em especial por professores não-indígenas da Educação Básica e do Ensino Superior - do que professores e lideranças Kaingang e Mbyá Guarani têm a dizer sobre músicas, registros e processos educativos e fornecerá dados interpretativos de interesse para ambas as áreas e para interlocutores tanto originários quanto não-originários.

Por outro lado, esse estudo, ao refletir sobre os materiais sonoro-musicais originários, seus significados, suas potencialidades e formas de circulação em diferentes contextos - específicos (originários) e interculturais -, procura ressaltar a importância, para todos os níveis educacionais não-indígenas no Brasil, de uma Educação Musical mais inclusiva e plural, convergente com a Educação das Relações Étnico-Raciais e amparada pela lei nº 11.645, de 2008. Acredita-se que, desta forma, a pesquisa poderá contribuir na promoção de uma reflexão mais apurada do que aquela que até o momento se realiza nas instituições de ensino no Brasil sobre as culturas e músicas dos diferentes povos originários que habitam no território brasileiro; e sobre a alteridade, o desenvolvimento humano e a justiça social, em especial no âmbito da Educação Musical na Educação Básica - por uma descolonização do

currículo de música, ainda majoritariamente pautado no Brasil exclusivamente por autores, processos e músicas de matriz europeia.

2 PROCESSOS: O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Essa pesquisa possui um viés qualitativo e se inspira na etnografia, com a intenção de promover, como já mencionado, diálogos entre a Etnomusicologia e a Educação Musical, a partir do estudo de materiais sonoro-musicais educativos originários produzidos no Rio Grande do Sul. Seu escopo metodológico possui dois caminhos: 1) o mapeamento e uma análise documental de materiais sonoro-musicais e educativos Kaingang e Mbyá produzidos na Ação Saberes Indígenas na Escola - Núcleo UFRGS (SIE-UFRGS) e no âmbito de um projeto etnomusicológico realizado pelo Grupo de Estudos Musicais do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS (GEM/UFRGS); 2) uma análise dialógica dos mesmos materiais, a partir de conversas-entrevistas (“entrevistas abertas”) com um professor e uma professora Kaingang que participaram da Ação SIE-UFRGS. Optamos por restringir as entrevistas abertas aos professores Kaingang em função do interesse em fazer a pesquisa em profundidade e considerando o tempo exíguo para a pesquisa e as condições de restrição de contatos com diferentes interlocutores, com a continuidade da pandemia de Covid-19 até o momento.

O que os professores indígenas dizem sobre o que fazem, o que realmente fazem e o que pensam a respeito do que fazem? Quisemos compreender o ponto de vista do professor indígena, privilegiando e valorizando esses sujeitos que são protagonistas na educação indígena.

Foram entrevistados os professores(as) Kaingang Valmir Cipriano e Evanice Kutá da Silva. Optei por entrevistá-los através da plataforma de webchamadas Zoom⁶, pois ambos estavam em diferentes partes do estado, assim também poderia gravar a entrevista. Queria muito poder visualizar os dois professores(as) interlocutores da pesquisa, mas devido à dificuldade de acesso, por parte do professor e da professora Kaingang, a um computador e à internet, fizemos uma ligação via celular, utilizando o *WhatsApp*. Utilizei um tablet e um computador para gravar o áudio da entrevista. Decidi captar através de dois tipos de dispositivos diferentes para garantir que, se algo desse errado com algum deles, eu tivesse mais um áudio para utilizar na transcrição. Ouvimos o que eles quiseram revelar ou ocultar, de maneira livre, sobre os usos que

⁶ Plataforma de conferências e webchamadas, bem como vídeo-aulas etc. Fonte <https://support.zoom.us/hc/pt-br>

fazem dos materiais educativos nas escolas em que atuam. De acordo com a antropóloga Mirian Goldenberg (2004, p. 88), algumas vantagens da entrevista decorrem de que:

As pessoas têm maior motivação e paciência para falar do que para escrever; [...] é o instrumento mais adequado para revelação de informações sobre assuntos complexos, como as emoções; permite maior profundidade; estabelece uma relação de confiança e amizade entre pesquisador e pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados. (GOLDENBERG, 2004, p. 88).

Após a escuta da primeira parte da entrevista, na qual o professor Valmir e a professora Evanice se apresentaram e falaram sobre o local onde vivem e trabalham, fiz perguntas padronizadas para obter respostas para as questões que a pesquisa se propõe a investigar. Tive como uma espécie de intermediadora, a prof^a Marília Stein, que participou da ação de formação no SIE. Mencionei que ela era minha orientadora e como surgira a partir de nossa convivência o meu conhecimento e interesse nos processos e materiais produzidos coletivamente na SIE. Acreditei que isso ajudaria a me aproximar dos entrevistados e convidá-los para contribuir com o trabalho, atento ao que lembra Goldenberg:

No caso da entrevista, é importante a apresentação do pesquisador por uma pessoa de confiança do pesquisado (esta pessoa que irá intermediar o primeiro contato será responsável pela primeira imagem. Em função desse primeiro encontro, portas se abrirão ou se fecharão). (GOLDENBERG, 2004, p. 87).

A investigação compreendeu as seguintes etapas:

- I - Revisão de literatura sobre os principais temas abordados na pesquisa (materiais sonoro-musicais originários: a Ação Saberes Indígenas na Escola; Etnomusicologia; e Educação musical e diversidade).
- II - Mapeamento e seleção de materiais sonoro-musicais educativos originários feitos no Rio Grande do Sul.

Os seguintes materiais foram mapeados e selecionados: o livro-CD Yvy Poty, Yva'á - Flores e Frutos da Terra: Cantos e Danças Tradicionais Mbyá-Guarani (2012[2009]) - produzido no âmbito do GEM/UFRGS; e alguns dos registros realizados na SIE - dois livros sobre letramento, um em Kaingang (Kanhgág Vĩ Ki, 2016) e outro em Guarani (Jereroayu, 2016); um CD de músicas Kaingang (Kanhgág Vĩ Ki - Música

Kanhgág, 2016); um conjunto de mapas Guarani (Yvy Rupa: território Mbyá-Guarani, 2017); um estojo multidimensional Kaingang (Kanhgág Ag Kajró Ty Gir Mré Ty Rãnhraj Ke, 2017), contendo cartões temáticos, um CD de narrativas (Kanhgág Kãme, 2017) e um CD de cantos (Tÿgtÿnh Kanhgág Vĩ Ki, 2017).

III - Construção do roteiro de análise (registros sonoros, videográficos, encartes, livros, textos, cartões, mapas).

Para orientar a análise exploratória dos materiais, foram propostas as seguintes perguntas:

- Qual o título do material?
- Em que consiste (partes físicas e/ou virtuais que compõem o material)?
- Qual o tema que desenvolve? E quais os principais sub temas?
- Quem o produziu (realizou, coordenou, dirigiu)?
- Para quem e com que propósito foi produzido?
- Quando foi produzido? E quando foi publicado?
- Como o material está organizado (detalhamento das partes, relação entre os temas abordados, finalidades e propostas educativas, relação entre texto verbal-imagem-som, línguas)?
- Para que público o material foi pensado? Há restrição de circulação, em função de preceitos ético-políticos do grupo que produziu o material?

IV - Análise exploratória dos materiais selecionados produzidos na Ação Saberes Indígenas na Escola-UFRGS e pelo GEM/UFRGS.

V - Conversa-entrevista com professores e lideranças que participaram da Ação SIE, para a produção de uma análise dialógica/etnomusicológica sobre os materiais sonoro-musicais.

Planejei conversar com—entrevistar um professor e uma professora que participaram da Ação SIE, com a finalidade de compreender quais os significados que eles atribuem a estes materiais e os usos que têm sido feitos dos mesmos nas escolas diferenciadas. Além disso, interessou-me perguntar pelos sentidos e limites que os responsáveis pelos materiais veem na sua circulação e difusão intercultural.

Para orientar a entrevista, eu formulei um roteiro com as questões abaixo:

- Poderia se apresentar brevemente, por favor?
- Como foi (ou como está sendo) sua participação na Ação Saberes Indígenas na Escola?

- Como foi para você produzir esse material? (Como foi o processo de produção desse material? Poderia contar um pouco?)
- O que esse material [sonoro-musical educativo] significa para você?
- Você já o utilizou na escola? E já usou em outros espaços educativos?
- Você já usou esse material de alguma maneira?
- Em que momentos [onde, quando] e como eles foram utilizados?
- Como foi a recepção deste material por parte dos alunos (ou do público)?
- E como você avalia o uso desse material nas suas aulas e nos outros espaços educativos?
- Sabe de colegas que utilizaram esse material? E como eles foram utilizados pelos colegas? E saberia dizer o que o colega achou de ter feito esse uso educativo do material na escola ou em outros espaços educativos?
- Estes materiais foram importantes para as suas práticas de ensino na escola? Em que sentido? E nos outros espaços educativos? Por quê?
- Você acha que o uso desse material gerou mudanças para as suas práticas de ensino na escola? Quais? Por que acha que isso aconteceu?
- E gerou mudanças na sua forma de conduzir suas ações nesses outros espaços educativos? Quais? Por quê?
- O que você acha sobre esse material ser disponibilizado também para circulação e difusão intercultural, a um público (professores, estudantes, interessados, pesquisadores) não-indígena?
- Teria sugestão de alguma mudança no próprio material e teria sugestão de confecção de outros materiais educativos-musicais?

Pensamos inicialmente conversar também com lideranças Kaingang participantes da SIE que não necessariamente estivessem em sala de aula como docentes nos últimos anos, pelo que cogitamos algumas perguntas menos específicas ao mundo escolar. No entanto, não ocorreram essas entrevistas, devido aos limites de tempo de execução da pesquisa, cujas variáveis interferentes já explicamos anteriormente.

Seguindo a metodologia de entrevistas abertas, fiz uma conversa com cada professor (a), em encontros individuais, nos quais cada um se apresentou livremente, falando o que quisesse sobre si, e logo depois utilizei as perguntas propostas acima. Creio que as perguntas deixaram os professores à vontade para falar sobre as suas

experiências com o material educativo (dentro da escola, em outros espaços). Dúvidas minhas iam surgindo durante a conversa, o que criou um diálogo em alguns momentos. Penso que, desta forma, eu obtive um contingente significativo de informações sobre o cotidiano dos docentes e a respeito de suas interpretações sobre os significados, usos e as circulações dos materiais.

VI - Transcrição e análise das conversas-entrevistas.

Transcrevi as conversas, analisei questões recorrentes e procurei sistematizar as informações, respondendo os meus próprios questionamentos, contrapondo minha análise exploratória dos materiais sonoro-musicais educativos originários às reflexões dos entrevistados sobre os mesmos. Busquei, deste modo, ampliar o meu campo compreensivo sobre o tema.

VII - Escrita do relatório final (TCC).

O relatório iniciou com uma introdução, na qual compartilho um memorial das minhas experiências musicais desde criança até minha chegada à formação acadêmica no Bacharelado em Música e minha aproximação à sonoridade e cosmologia originária; e na qual ainda exponho meus objetivos e justificativa para a realização da pesquisa. No capítulo posterior, o presente, sigo falando sobre a metodologia adotada e sobre como foi o andamento da pesquisa realizada. No próximo capítulo, intitulado Ancestralidade Sonoro Originária, me aproximo dos materiais pesquisados, analisando cada um deles. Após, no capítulo 4, apresento a Ação SIE e os professores(as) que contribuíram de maneira significativa e determinante para a realização da pesquisa e reflexão sobre os dados encontrados. Finalizo com minhas considerações finais e as considerações finais dos professores(as) Kaingang colaboradores da presente pesquisa.

3 ANCESTRALIDADE SONORO ORIGINÁRIA

Para realizar as análises do material que selecionei para esse estudo, precisei me apropriar do mesmo, folhear suas páginas e ouvir os CDs e sentir o cheiro do papel impresso. Para tanto, a professora Marília Stein me cedeu seu exemplar do livro-CD Mbyá Guarani, cujo acesso nas bibliotecas da UFRGS fora dificultado pelas restrições sanitárias devidas à pandemia. Também tive a colaboração da professora Magali Mendes de Menezes, que gentilmente, durante a pandemia, me recebeu em sua sala no prédio da FACED, para me ofertar o material produzido na ação SIE. Poder ter essas preciosidades nas mãos fez meu coração bater mais forte e me propiciou ir a fundo nas análises. Passei algumas semanas envolvido com esse material didático tão único.

3.1 YVY POTY, YVA'Á - PERGUNTAS E RESPOSTAS - DESCRIÇÃO DETALHADA

A análise exploratória do primeiro material aconteceu da seguinte maneira:

Ouvi as faixas do CD que integra o material produzido pelo GEM/UFRGS, acompanhando as traduções dos cantos e textos que contextualizam cada faixa, contidos no livro. Depois li todas as seções que compõem o livro-CD. Destas ações, produzi primeiramente um texto e depois respondi as perguntas que havia elencado para a análise dos materiais. Estas duas formas de apresentar os resultados se justificam para privilegiar este material com uma espécie de bônus, já que não pude entrevistar professores Mbyá Guarani, devido ao tempo exíguo da pesquisa e a complexidade de nosso cotidiano atingido pela Covid-19. Resolvi apresentar abaixo primeiro as perguntas e respostas em itens e depois uma descrição mais minuciosa do material, em texto contínuo, partindo assim de uma macro análise para uma microanálise.

Respondendo às perguntas que propusemos:

- Qual o título do material? Yv'y Poty, Yva'á - Flores e Frutos da Terra.
- Em que consiste (partes físicas e/ou virtuais que compõem o material)? Livro-CD.
- Qual o tema que desenvolve? E quais os principais sub temas? Mboráí, Cantos e danças tradicionais Mbyá Guarani.

- Quem o produziu (realizou, coordenou, dirigiu)? Realizado, com financiamento do IPHAN, em pesquisa colaborativa pelos integrantes dos Grupos de Canto e Dança Mbyá Guarani *Nhe'e Ambá*, *Nhãmãndú Nhemõpu'ã*, *Nhãnderu Pápá Tenondé*⁷ e pela equipe universitária do Grupo de Estudos Musicais do Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - GEM/UFRGS, e organizado por Maria Elizabeth Lucas e Marília Stein.
- Para quem e com que propósito foi produzido? Para ser apreciado por indígenas e não indígenas. Visa à atualização dos repertórios Mbyá Guarani e registrar os cantos nas vozes das crianças dos grupos de cantos e danças tradicionais das aldeias Mbyá, como elemento importante de afirmação de identidade étnica em relação a outros grupos indígenas e em relação à comunidade não indígena.
- Quando foi produzido? E quando foi publicado? Foi preparado e desenvolvido no ano de 2008, em três aldeias Mbyá Guarani da Grande Porto Alegre e na UFRGS. Foi publicado em janeiro de 2009. Com apoio do PPGMUS, houve uma reimpressão em 2012.
- Para que público o material foi pensado? Há restrição de circulação, em função de preceitos ético-políticos do grupo que produziu o material? Este material foi pensado para os próprios Mbyá Guarani e para os Juruá, não indígenas. Não há restrição de circulação.
- Como o material está organizado (detalhamento das partes, relação entre os temas abordados, finalidades e propostas educativas, relação entre texto verbal-imagem-som, línguas)? Todo o material sonoro está gravado em Mbyá Guarani e os mborái (cantos e danças) foram transcritos no livro em guarani, mas eles são acompanhados por textos com a tradução para o português, e a contextualização dos cantos e danças tradicionais também está escrita em português.

⁷ Esses grupos são compostos por jovens, crianças e adultos respectivamente das seguintes comunidades Mbyá Guarani de Viamão, RS: tekoá Nhundy (Aldeia da Estiva), tekoá Pindó Mirim (Terra Indígena de Itapuã) e tekoá Jataity (Terra Indígena do Cantagalo).

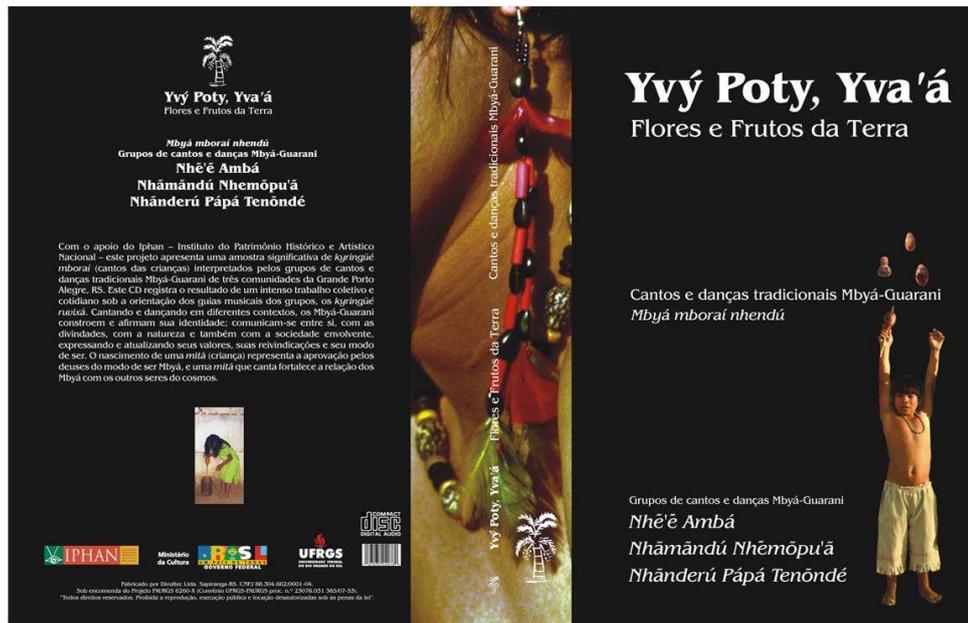


Figura 2 - Encarte do livro-CD Yvy Poty, Yva'á.
Fonte: livro-CD Yvy Poty, Yva'á.

Yvy Poty, Yva'á - Flores e Frutos da Terra é um livro-CD repleto de informações sobre o modo de ser Mbyá-Guarani, sua cosmologia, ilustrado com diversas fotos, dividido em 12 seções que complementam e contextualizam os mborai, cantos e danças gravados. A primeira seção traz um texto de apresentação do material, de autoria das etnomusicólogas Maria Elizabeth Lucas e Marília Raquel Stein, na qual elas falam que o CD é resultado de um processo de construção dialógico e colaborativo. Através deste relato, podemos aprender um pouco mais sobre a cosmologia deste povo milenar.

Na segunda parte, temos mensagens de três dos coordenadores musicais Guarani do projeto, Agostinho Verá Moreira, Marcelo Kuaray Benites e Vherá Poty Benites da Silva. Nessa seção, eles falam, dentre outras coisas, sobre si, sobre sua tekoá (território da comunidade, terra indígena ou aldeia, ainda que idealmente "tekoá" seja o espaço bom para se viver plenamente o modo de ser Guarani, conforme Stein [2009]), sobre a importância dos cantos e danças dentro da cultura Guarani e da importância do CD ser conhecido pelos não indígenas, o que poderia gerar, na opinião deles, mais conhecimento e respeito sobre a cultura e povo Guarani. Na sequência, podemos conhecer quem são os Mbyá-Guarani, sua provável origem, território que ocupam no Brasil e na Grande Porto Alegre. O livro também traz uma lista de obras

de diversos autores para quem quiser saber mais sobre os Mbyá Guarani, uma lista de referência fonográficas e mais dois endereços eletrônicos para consulta on-line.

Na próxima parte do livro-CD, com o título “Sobre a realização e concepção do projeto”, podemos conhecer sobre o surgimento da ideia/inspiração para produzir o CD, todos os pesquisadores envolvidos e grupos indígenas e não indígenas que se uniram de maneira colaborativa, através das decisões minuciosamente delineadas em conjunto, para que o projeto se realizasse. Podemos conhecer informações importantes sobre o financiamento do projeto⁸, local de gravação, número de sessões de gravação e mixagem, entre outras informações. Ainda consta no texto a informação do acréscimo no CD, na faixa 15, dos ensinamentos da centenária kunhã karáí (mulher de profunda sabedoria) Florentina Pará sobre a importância dos cantos tradicionais para os Mbyá, pelos quais podemos aprender mais sobre a “cosmo-sônica” Guarani.

No capítulo “Sobre a performance vocal-instrumental Mbyá-Guarani”, a primeira parte do texto nos traz mais aspectos da sonoridade musical Mbyá-Guarani e da sua sociocosmologia. Podemos ver como acontece a circulação destas músicas entre as diferentes comunidades. Obtemos mais informações sobre a sonoridade das vozes, quais os outros instrumentos tradicionais utilizados e suas categorias e funções dentro das músicas. Para detalhar essa análise, são trazidos aqui exemplos dos mboráí (cantos e danças) registrados nas faixas do CD, a partir dos quais são descritas as especificidades de cada instrumento - tais como afinação e suas relações e funções entre si e nas diferentes músicas. Também aprendemos sobre a forma da música, suas seções, introdução instrumental, interlúdio e finalização. Ainda há ricas informações sobre a importância dos textos das músicas e o que eles expressam dentro da cosmologia guarani e sobre a duração das faixas. Na seção “Grupos de cantos e danças Mbyá-Guarani”, encontramos os nomes dos três grupos que participaram da gravação, sua localização geográfica dentro da Grande Porto Alegre e, em relação a cada grupo, os nomes dos coordenadores e/ou vice-coordenadores, os instrumentos tradicionais utilizados e seus respectivos executantes.

⁸ O livro-CD Yvy Poty, Yva'á (2009) foi produzido no âmbito do projeto “Salvaguarda do patrimônio musical indígena: registro etnográfico multimídia da cultura musical em comunidades Mbyá-Guarani da Grande Porto Alegre, RS”, contemplado pelo Edital de Concurso n. 001/2007 – Apoio e Fomento ao Patrimônio Cultural Imaterial e financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). (YVY POTY YVA'Á, 2009, p. 74)

A próxima seção apresenta cada uma das 15 faixas do CD e qual grupo a executou, com uma contextualização, a transcrição do mboráí (canto e dança) em guarani e sua tradução para o português. São 14 cantos e uma última faixa, também traduzida, que contém um excerto do diálogo entre Vherá Poty e sua avó, xejary Florentina Pará. O material ainda contém uma seção de agradecimentos, outra com a ficha técnica e uma seção com os créditos das imagens contidas no CD. Na penúltima seção, consta em uma lista o nome de cada música em Mbyá Guarani, seguido da sua minutagem e a informação de quem é o direito autoral da gravação da música com o nome dos coordenadores e grupos⁹. Finalizando o volume, aparecem os contatos de email de cada grupo participante do livro-CD.

3.2 MATERIAIS EDUCATIVOS DA AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA - NÚCLEO UFRGS

Para relatar a análise do próximo material, apresento primeiramente a Ação de extensão universitária Saberes Indígenas na Escola, para que possamos entender o contexto em que estes materiais foram produzidos:

A Ação SIE, Saberes Indígenas na Escola, é um projeto do Ministério da Educação (MEC), no qual a UFRGS iniciou sua participação a partir de 2014. Neste programa, o Governo Federal destinou recursos para a formação continuada de professores indígenas que atuavam nas escolas diferenciadas do estado do Rio Grande do Sul. A UFRGS conta com a parceria da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS). O Conselho Estadual dos Povos Indígenas (CEPI/RS) também foi igualmente importante para o programa, pois, de acordo com as idealizadoras e coordenadoras da Ação, a historiadora e educadora Maria Aparecida Bergamaschi e a filósofa e educadora Magali Menezes (2020, p. 20), o CEPI/RS foi parceiro na preparação do segundo encontro de organização da Ação SIE, que “reuniu e apresentou o primeiro desenho do Programa para os orientadores e pesquisadores Guarani e Kaingang”. A ação reuniu professores indígenas dos povos Kaingang e Mbyá-Guarani, lideranças de diversas comunidades, localizadas por todo

⁹ Cabe observar que na mídia digital do CD consta que “Todos os direitos de imagem e de propriedade musical [estão] reservados para os grupos de cantos e danças tradicionais Mbyá-Guarani Nhê'ë Ambá, Nhãmândú Nhêmopu'ã e Nhãnderú Pápá Tenõndé.”

o RS, e servidores docentes e técnicos da UFRGS, todos não-indígenas, e promoveu inúmeros encontros de formação. Durante esses eventos, muitas reflexões e discussões aconteceram sobre os conhecimentos e as múltiplas potências da oralidade destes povos ancestrais. De acordo com Cláudia Zanatta e Marília Stein (2020, p. 55), professoras do Instituto de Artes da UFRGS que escreveram sobre suas perspectivas enquanto participantes não-indígenas da ação:

Aconteceram rodas de conversa sobre educação, arte e vida Kaingang e Guarani, diálogos sobre currículo, gestão e políticas públicas no Brasil, debates sobre línguas e culturas indígenas, aconselhamentos falados e cantados dos/das sábios/as e dos/as anciãos/ãs sobre ética e saúde. (ZANATTA; STEIN, 2020, p. 55).

Os objetivos da Ação são:

Promover a formação continuada de professores que atuam na educação escolar indígena na educação básica; II - Oferecer recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades da organização comunitária, do multilinguismo e da interculturalidade que fundamentam os projetos educativos nas comunidades indígenas; Oferecer subsídios à elaboração de currículos, definição de metodologias e processos de avaliação que atendam às especificidades dos processos de letramento, numeramento e conhecimentos dos povos indígenas; Fomentar pesquisas que resultem na elaboração de materiais didáticos e paradidáticos em diversas linguagens, bilíngues e monolíngues, conforme a situação sociolinguística e de acordo com as especificidades da Educação Escolar Indígena. (BRASIL, 2013 *apud* BERGAMANSCHI; MENEZES, 2020, p. 19).

Da ação surgiram materiais didático-pedagógicos tais como: Livros, CDs e Mapas, que foram pensados e produzidos pelos professores indígenas, de acordo com as necessidades que cada povo elegeu para as suas escolas. Os materiais foram produzidos nas línguas originárias de cada grupo.



Figura 3 - Formação SIE que aconteceu no Centro de Evento dos Capuchinhos, Porto Alegre, RS (2017).

Fonte: Acervo Saberes Indígenas na Escola.



Figura 4 - Formação SIE que aconteceu na Aldeia Tekoá Guaviraty Porã, Santa Maria, RS, nos dias 13 a 17 de junho de 2016.

Fonte: Acervo Saberes Indígenas na Escola.

Passo agora a descrever os materiais educativos produzidos na SIE entre 2016 e 2017, conforme mencionado anteriormente na metodologia. As informações para sintetizar a análise e responder as perguntas foram retiradas dos próprios materiais e/ou da página da Ação Saberes Indígenas na Escola - Núcleo UFRGS.

KANHGÁG VĨ KI (2016) - Livro Kaingang



Figura 5 - Capa do livro Kaingang - Kanhgág Vĩ Ki, 2016.
Fonte: Francis Padilha.

- Qual o título do material? Kanhgág vĩ ki (Saberes Kaingang)
- Em que consiste (partes físicas e/ou virtuais que compõem o material)? Livro contendo 80 páginas (impresso e em formato digital).
- Qual o tema que desenvolve? Conhecimentos tradicionais Kaingang, tendo como referência as memórias dos Kofá (homens sábios) Kaingang.
- Quais os principais sub temas? Educação de crianças, Ciências da natureza, Medicina, Agricultura, etc.
- Quem o produziu (realizou, coordenou, dirigiu)? Professores Kaingang que participaram da 1ª edição da ação e grupo de apoio SIE da UFRGS.
- Para quem e com que propósito foi produzido? Para os professores Kaingang utilizarem nos anos iniciais do ensino fundamental, auxiliando o seu trabalho em sala de aula e para alfabetização na língua materna. (Também para enriquecer a educação escolar Kaingang, fomentar novas formas de produção de conhecimento, valorização da língua Kaingang e para proporcionar a especificidade da escola diferenciada). No livro, há uma seção em português chamada Introdução, onde pude acessar essas informações.
- Quando foi produzido? E quando foi publicado? Foi produzido em 2014 e publicado em 2015.
- Para que público o material foi pensado? Para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas diferenciadas indígenas Kaingang.

- Há restrição de circulação, em função de preceitos ético-políticos do grupo que produziu o material? O livro está escrito em língua Kaingang, foi distribuído para professores das escolas Kaingang que participaram da Ação - no formato impresso e em digital - e está disponível em PDF no site SIE.
- Como o material está organizado (detalhamento das partes, relação entre os temas abordados, finalidades e propostas educativas, relação entre texto verbal-imagem-som, línguas)? O livro possui capa, contra capa, ficha catalográfica, um sumário e apresenta uma sequência de textos, ilustrações e exercícios sobre variados temas, tais como frutas nativas, aves e a concepção de mundo. O livro é composto ainda por textos de cantos e por fichas com sílabas, para auxiliar na alfabetização. O texto de apresentação está escrito na língua portuguesa.

JEREROAYU (2016) - Livro Guarani

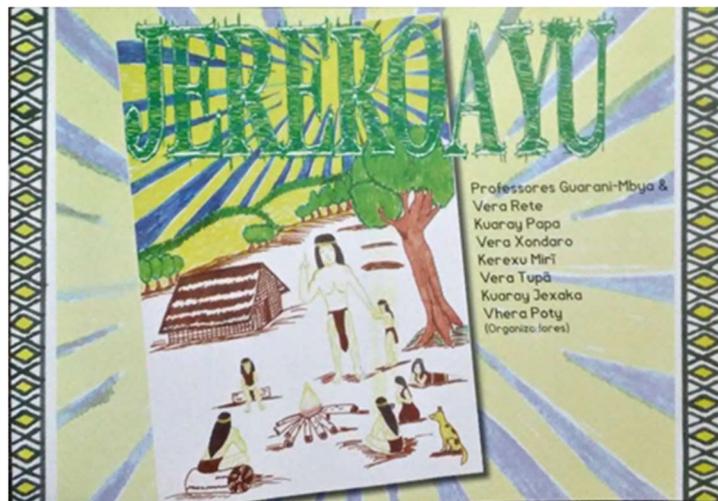


Figura 6 - Capa do livro sobre letramento em Guarani – Jereroayu.

Fonte: Francis Padilha.

- Qual o título do material? Jereroayu.
- Em que consiste (partes físicas e/ou virtuais que compõem o material)? Livro ilustrado de 24 páginas (impresso e em formato digital).
- Qual o tema que desenvolve? Conhecimentos do modo de vida Mbyá Guarani.
- Quais os principais sub temas? Ciências da natureza, Medicina e Agricultura Mbyá Guarani.

- Quem o produziu (realizou, coordenou, dirigiu)? Professores Mbyá Guarani que participaram da 1ª edição SIE e Vera Rete, Kuaray Papa, Vera Xondaro, Kerexu Mirĩ, Vera Tupã, Kuaray Jexaka, Vhera Poty (organizadores).
- Para quem e com que propósito foi produzido? Para os professores Mbyá Guarani com o propósito de utilizarem com as crianças nas escolas nas comunidades Guarani.
- Quando foi produzido? E quando foi publicado? Foi produzido durante a 1ª edição da ação SIE em 2014 e publicado em 2015
- Para que público o material foi pensado? Para as crianças Mbyá Guarani.
- Há restrição de circulação, em função de preceitos ético-políticos do grupo que produziu o material? O livro está escrito em língua Mbyá Guarani, foi distribuído para professores de todas as escolas Guarani do RS - no formato impresso e em digital - e não possui tradução para o português, mas está disponível em PDF no site SIE.
- Como o material está organizado (detalhamento das partes, relação entre os temas abordados, finalidades e propostas educativas, relação entre texto verbal-imagem-som, línguas)? O livro possui capa, contra capa, ficha catalográfica e um sumário, que mostra a divisão em 8 partes na qual o livro está estruturado. Os títulos dos capítulos, textos e gráficos estão escritos em Mbyá Guarani e o volume contém um grande número de desenhos junto às narrativas, a um glossário e um calendário.

KANHGÁG VĨ KI - TỸGTỸNH KANHGÁG (2016) - CD de músicas Kaingang



Figura 7 - Encarte do CD de músicas Kaingang - Kanhgág Vĩ Ki - Música Kaingang.
Fonte: Acervo Saberes Indígenas na Escola.

- Qual o título do material? CD Kanhgág Vĩ Ki (Saberes Kaingang) - Tỹgtỹnh Kanhgág (Música Kaingang).
- Em que consiste (partes físicas e/ou virtuais que compõem o material)? Capa/embalagem de papel, CD e 1 encarte.
- Qual o tema que desenvolve? Cantos Kaingang.
- Quais os principais sub temas? Cantos que há muito não circulavam entre as novas gerações nas aldeias, tais como a música em Kaingang “Inh mỹ sér tĩ” (faixa 11), um canto de boas-vindas que encerra o CD e convida todos a voltarem aos cantos e à vida em comum, o Hino Nacional Brasileiro em língua Kaingang e o canto em Português “Cacique acorda os índios”, entre outros.
- Quem o produziu (realizou, coordenou, dirigiu)? Professores Kaingang da Terra Indígena da Guarita¹⁰ - Ação Saberes Indígenas na Escola, Núcleo UFRGS.
- Para quem e com que propósito foi produzido? Para os alunos das escolas Kaingang terem acesso à história e ao modo de ser Kaingang através da música. Para preservar e perpetuar o conhecimento tradicional do grupo, oportunizando o acesso, principalmente da comunidade Kaingang, a aspectos sônicos de sua cultura (STEIN, RAVANELLO e FERREIRA, 2017).

¹⁰ A terra indígena Guarita: É uma terra indígena Kaingang e está localizada nos municípios de Tenente Portela, Miraguaí e Redentora, RS.

- Quando foi produzido? E quando foi publicado? Foi produzido em 2015 e publicado em 2016.
- Para que público o material foi pensado? Em especial para as crianças e os jovens das escolas Kaingang.
- Há restrição de circulação, em função de preceitos ético-políticos do grupo que produziu o material? Como resposta, cito artigo de Zanatta e Stein:

Nas gravações de cantos Kaingang (...) foram intensos os questionamentos sobre a importância do fazer musical na escola e a dimensão do segredo. (...) aos poucos o interesse dos/das performers pela circulação do patrimônio sonoro Kaingang nas escolas, inicialmente questionado por muitos, foi aumentando. Resultou deste debate a proposta de registrar alguns repertórios, mantendo as sonoridades ligadas a rituais complexos - de cura, de nomeação ou de culto aos antepassados - protegidas da difusão midiática. (ZANATTA; STEIN, 2020, p. 62).

- Como o material está organizado (detalhamento das partes, relação entre os temas abordados, finalidades e propostas educativas, relação entre texto verbal-imagem-som, línguas)? O CD possui um encarte com um texto em português e uma foto de um momento de gravação no auditório Tasso Corrêa, no prédio do Instituto de Artes da UFRGS, a ficha técnica (também em português) e a ordem das faixas com a minutagem:

1.Hino Nacional em Língua Kaingang - 2'32", 2.Kỹ nẽ sĩ tỹvĩ – 0'52", 3.Ĕg Jóg Tỹ Tupě – 1'16", 4.Kri Prỹg Ki Tóg Fě – 0'25", 5.Kaféj vỹ goj kri nãgnãr – 1'07", 6.Gir nunje tynh Fe – 0'47", 7.Sěpe Tánh – 1'36", 8.Cacique acorda os índios – 1'55", 9.Índios Kaingág – 1'58", 10.Munỹ vãnvãn Kekỹ – 0'55", 11.Inh mỹ sér Tĩ – 0'51".

YVY RUPA: TERRITÓRIO MBYÁ-GUARANI (2017) - Conjunto de mapas Guarani



Figura 8 – Capa do Conjunto de mapas Guarani – Yvy.
Fonte: Francis Padilha.

O material educativo Yvy Rupa consiste em um conjunto de mapas, produzidos pelos professores Mbyá Guarani do Rio Grande do Sul participantes da 2ª edição SIE. Os mapas foram criados através de desenhos que mostram o que existe em cada aldeia a partir da visão dos professores que nela vivem. Em seu conjunto, remetem a uma compreensão do território que ultrapassa as fronteiras nacionais, representando os territórios Mbyá Guarani em seus caminhos por todo o continente. (SABERES INDÍGENAS - UFRGS).

KANHGÁG AG KAJRÓ TY GIR MRÉ TY RĀNHRĀJ KE (2017) - Estojo Multidimensional

O Estojo Multidimensional Kanhgág Ag Kajró Ty Gir Mré Ty Rānhrāj Ke (2017) foi confeccionado por docentes Kaingang e contém cartões temáticos, 1 CD de narrativas (Kanhgág Kāme, 2017) e 1 CD de cantos (Tÿgtÿnh Kanhgág Vĩ Ki, 2017).

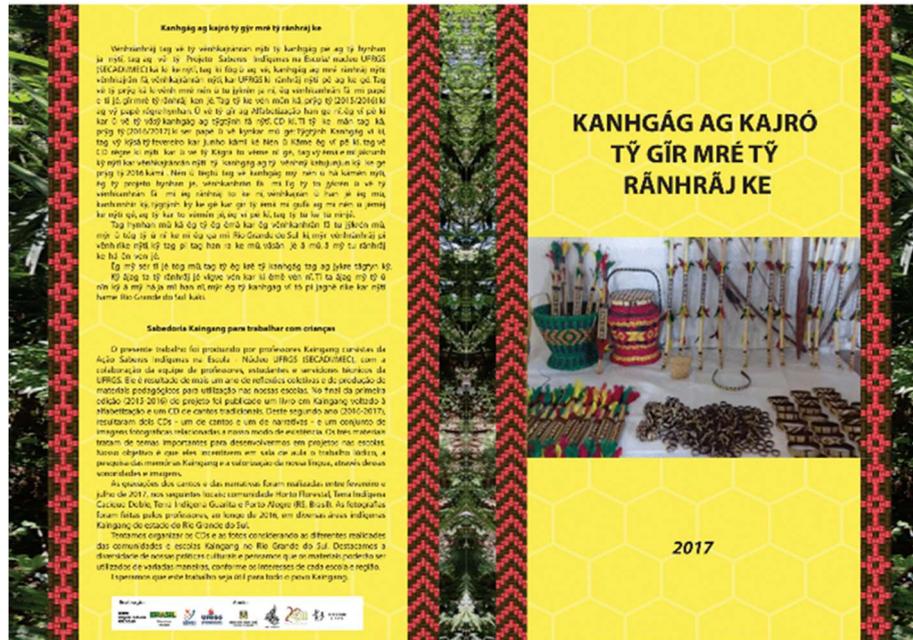


Figura 9 – Estojo - Kanhgág Ag Kajró Ty Gir Mrè Ty Rãnhràj Ke.
Fonte: Acervo Saberes Indígenas na Escola.

- Qual o título do material? Título do Estojo - Kanhgág Ag Kajró Ty Gir Mrè Ty Rãnhràj Ke (Sabedoria Kaingang para trabalhar com crianças); título do CD de cantos - Týgtỹnh Kanhgág Vĩ Ki (Sabedoria da música Kaingang); título do CD de narrativas - Kanhgág Kãme (Narrativas Kaingang).
- Em que consiste (partes físicas e/ou virtuais que compõem o material)? Estojo contendo 21 cartões temáticos; 1 mapa das terras indígenas Kaingang, Charrua e Xokleng; 1 CD de cantos; e 1 CD de narrativas.
- Qual o tema que desenvolve? Modo de existência Kaingang.
- Quais os principais sub temas? Imagens fotográficas sobre as práticas culturais Kaingang, cantos e narrativas Kaingang.
- Quem o produziu (realizou, coordenou, dirigiu)? Professores Kaingang que participaram da Ação SIE – Núcleo UFRGS (SECADI/MEC), com a colaboração da equipe de professores, estudantes e servidores técnicos da UFRGS.
- Para quem e com que propósito foi produzido? Para os professores Kaingang utilizarem na sala de aula. O propósito é que esses materiais pedagógicos incentivem em sala de aula o trabalho lúdico, a pesquisa das memórias Kaingang e a valorização da língua Kaingang, através das sonoridades e imagens.

- Quando foi produzido? E quando foi publicado? Foi produzido ao longo de 2016 e 2017.
- Para que público o material foi pensado? Para todo o povo Kaingang.
- Há restrição de circulação, em função de preceitos ético-políticos do grupo que produziu o material? Os cartões temáticos estão em língua Kaingang e não possuem tradução para o português. Os CDs também estão na língua Kaingang.
- Como o material está organizado (detalhamento das partes, relação entre os temas abordados, finalidades e propostas educativas, relação entre texto verbal-imagem-som, línguas)?
 - O estojo possui 21 **cartões temáticos** contendo imagens produzidas pelos próprios professores em diversas áreas indígenas Kaingang do estado do Rio Grande do Sul, acompanhadas de títulos, legendas e alguns pequenos textos, todos em Kaingang; mapa das terras indígenas Kaingang, Charrua e Xokleng.

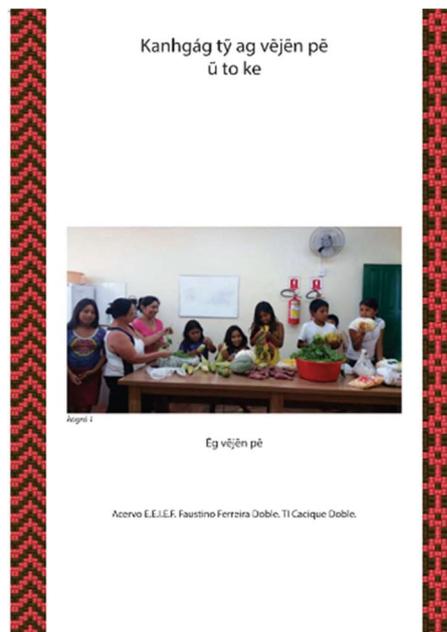


Figura 10 – Cartão que representa um dos 21 cartões temáticos do material do estojo.
Fonte: Acervo Saberes Indígenas na Escola.

- O **CD de cantos** vem acompanhado de um encarte contendo uma foto de capa, ficha técnica, uma segunda foto ilustrativa e as informações das faixas das músicas e minutagem. O material sonoro do CD contém

cantos e cantigas de roda em Kaingang e também traz faixas com play back de alguns cantos. Todos os textos do encarte e todas as músicas estão na língua Kaingang.



Figura 11 – Foto de capa do CD de cantos - Týgtýnh Kanhgág Vĩ Ki.
Fonte: Acervo Saberes Indígenas na Escola.

1. Týg Týnh to Vãme 0:42, 2. Sĩnuĩ tavĩ 1:24, 3. Toto sĩ 0:38, 4. Gatu to pãg 0:30, 5. Pó grẽ 0:53, 6. Pépo 0:24, 7. Sukrĩg 0:59, 8. Ęmĩn tag ti 0:44, 9. Nhinsu sĩ 0:56, 10. Tẽ ra, tẽ ra 0:37, 11. Pãnónh mág 1:13, 12. Karosa sĩ 0:52, 13. Kãkénh vỹ vĩrĩn ke 0:57, 14. Nẽn ga 2:03, 15. Nẽn ga 0:48, 16. Ga sinvi 1:11, 17. Sĩnuĩ tavĩ * 1:23, 18. Toto sĩ * 0:47, 19. Gatu to pãg* 0:35, 20. Pó grẽ* 0:53, 21. Pépo* 0:24, 22. Sukrĩg* 0:59, 23. Ęmĩn tag ti* 0:46, 24. Nhinsu sĩ * 0:57, 25. Karosa sĩ* 0:54, 26. Kãkénh vỹ vĩrĩn ke* 0:58, 27. Ga sĩnvĩ * 2:04, 28. Goj sĩnvĩ * 3:35, 29. Āmỹsa tój mũ 0:40, 30. Prỹg tý 500 2:44

*Ti kyr tý vĩ

- O **CD de narrativas** vem acompanhado de um encarte contendo uma foto de capa e mais outras duas fotos ilustrativas, ficha técnica e as informações das faixas e minutagem. Cada faixa contém o nome do Mestre ou Mestra Kaingang que faz a narrativa.



Figura 12 - Capa do CD de narrativas Kanhgág Kāme.
Fonte: Acervo Saberes Indígenas na Escola.

1.Nén ũ tãn katutej ke tũ (2:45) - Narrada por Clenis Fagotá, 2.Jag tỹ vānyñ kāme (2:51) - Narrada por Dirceu Nēnkág, 3.Kamē mré kajru vānhprüg (5:46) - Narrada por Iraci Grēja, 4.Kāmūn (11:20) - Narrada por Miguel Rārĩr, 5.Nén kóreg mré vānhgēnh (3:50) - Narrada por Clenis Fagotá, 6.Nānga ag tỹ jag kǎpó (12:35) - Narrada por Miguel Rārĩr, 7.Fág vānhvenven ja (7:32) - Narrada por Evanice Kutá Silva, 8.Krēkufár Vānhvenven ja (7:10) - Narrada por Waldomiro Ka-fár, 9.Vēnhmág kamā (7:29) - Narrada por Dirceu Nēnkág, 10.Vysā ke ag vēnhkajrān (8:58) - Narrada por Miguel Rārĩn.

Esta parte foi dedicada à análise dos materiais propostos nesse estudo, buscando um enfoque intercultural, pelo qual tive a intenção de gerar interesse à aproximação dos livros e discos por diferentes leitores e ouvintes. Na perspectiva da formação docente, a ideia foi provocar os professores para um mergulho ainda maior nestes saberes registrados nos materiais sonoros educativos. Poder ouvir as faixas de cada CD, degustando a estranheza dos fonemas e ao mesmo tempo a sonoridade que cada grupo ou intérprete produzia, causou uma sensação que aguçou mais ainda meu desejo de entender aqueles cantos. O que será que todo esse material significa para os povos originários que vivenciam estas práticas descritas ou utilizam estes materiais? É o que procuraremos compreender no capítulo que virá em seguida.

4 COM A PALAVRA OS KAINGANG: SISTEMATIZAÇÃO A PARTIR DA ESCUTA E DO DIÁLOGO

Para colaborar com a pesquisa, foram contatados o Professor Valmir Cipriano e a Professora Evanice Kutá da Silva, ambos professores Kaingang atuando em Escolas Indígenas do Estado. Consegui marcar as entrevistas via aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Eles aceitaram contribuir com o trabalho de pesquisa e gentilmente compartilharam muito dos seus conhecimentos, experiências vividas durante a Ação SIE e nas escolas diferenciadas em que são professores. Durante a entrevista, eles se apresentaram a mim e falaram o que acharam importante compartilhar, tal como sua marca tribal, sua formação e as escolas em que atuam, dentre outras informações.

4.1 OS MESTRES E NOSSOS ENCONTROS

Professor Valmir Cipriano

A entrevista do Professor Valmir ocorreu dia 15 de março de 2022 às 20h e durou em torno de 43 minutos. Eu estava ansioso, curioso e na expectativa de poder ouvir o professor Valmir e obter respostas aos meus questionamentos. Encontrei alguém generoso, atencioso, que me conduziu para uma nova experiência, um novo aprendizado, para o modo de ver e perceber Kaingang. O professor Valmir Cipriano me proporcionou conhecer sua trajetória, contando-me que pertence ao povo Kaingang, da metade clânica kamẽ, rá téj “marca comprida”. É professor formado pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), um curso específico para indígenas Kaingang, de Magistério Bilíngue. Em 2020, ele concluiu o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Trabalha como professor de Língua Portuguesa e Língua Kaingang na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Marechal Cândido Rondon, da Terra Indígena (TI) Inhacorá/RS, no município de São Valério do

Sul¹¹, noroeste do estado, onde também exerce a função de Vice Diretor. Dá aulas para turmas dos anos finais do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano.



Figura 13 - Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Marechal Cândido.
Fonte: tirada durante a ação solidária realizada pelo 19º Regimento de Cavalaria Mecanizada.
Autoria desconhecida.

Professora Evanice Kutá da Silva

A entrevista da professora Evanice ocorreu dia 25 de março de 2022 às 16h e durou cerca de 50 minutos. Como de costume, eu estava na expectativa, preocupado em não perder nenhuma palavra, nenhuma frase, nenhuma informação. A professora Evanice estava super disposta, generosa com as explicações e relatos. Muitos momentos de emoção e gratidão a cada prática compartilhada, a cada questionamento respondido. Tive a oportunidade de ouvi-la cantar a música do coelhinho, em Kaingang, quando, num momento, exemplificou uma prática pedagógica. A professora Evanice Kutá da Silva contou-me que pertence ao povo Kaingang, da metade clânica kamẽ, rá téj “marca comprida”, que é neta de cacique, da família dos Nascimento, de Nonoai, e mãe de três filhos. Nice, como gosta de ser chamada, trabalha para a comunidade do Borboleta, que está em situação de acampamento há mais de 20 anos¹². É professora de língua e cultura Kaingang na Escola Indígena de Ensino Fundamental Almerinda de Mello, do pré (educação

¹¹ A Terra Indígena Inhacorá (homologada em 1991) localiza-se em uma região da Mata Atlântica, possui uma população de mais de mil habitantes em uma área de aproximadamente mil hectares (Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3693>).

¹² Localizada em uma região da Mata Atlântica, a Aldeia Horto Florestal faz parte da Comunidade Kaingang da Borboleta, no município de Salto do Jacuí, que está em identificação desde 1995, aguardando a demarcação do seu território tradicional (Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3917>).

infantil) ao 9º ano, em Salto do Jacuí, perto de Cruz Alta. Fez cursos de Técnicas de Língua e Cultura Kaingang e concluirá o Magistério em 2022. Participa da Ação SIE desde 2013. Evanice sempre gostou de cantar e de adequar cantigas de roda da tradição luso-brasileira para a língua Kaingang, e, de acordo com ela, é algo que ela tem muita facilidade de realizar.



Figura 14 - Professora Evanice em um dos momentos de gravação de cantos para o CD Týgtýnh Kanhgág Vĩ Ki (2017).

Fonte: Acervo Saberes Indígenas na Escola.



Figura 15 - Escola na Aldeia Kaingang Ga jykre, em Salto do Jacuí.

Fonte: Evanice Kutá da Silva.

4.2 SABERES SONORO-MUSICAIS INDÍGENAS NA ESCOLA

Abaixo, trago partes da transcrição das entrevistas realizadas com o professor Valmir e com a professora Evanice, destacando as perspectivas e concepções deles sobre os usos, significados, impactos e as formas de circulação dos materiais da Ação SIE nas escolas e nas comunidades indígenas e em contextos interculturais. Deixei em destaque subtítulos (em negrito e itálico) que correspondem em parte às perguntas que guiaram as entrevistas e coloquei intencionalmente lado a lado as falas dos dois professores, para que possamos visualizar de maneira sistematizada a fluência e densidade de suas considerações.

Participando e partilhando da Ação Saberes Indígenas na Escola

Valmir iniciou sua fala dizendo que deseja continuar tendo uma formação continuada, pois, para ele, foi um prazer ter participado. Ele foi um dos coordenadores Kaingang em uma das edições da Ação. Valmir falou da dificuldade, por parte dos governos e da política, em continuar oferecendo uma formação continuada aos professores indígenas. Durante a pandemia ele não pôde participar da Ação SIE por causa da dificuldade de acesso à internet. Outro professor Kaingang, Juarez, que também reside na TI Inhacorá e se tornou coordenador após o Valmir, participava online da formação e depois repassava a formação para os outros professores da escola.

Nice nos fala sobre a luta dos Kaingang pela retomada de seus territórios tradicionais. Compartilha conosco sua visão sobre os “cantos” – o canto aproxima, torna tudo mais fácil, propicia mais entendimento da visão do bem viver Kaingang. Devido a um processo que dividiu e separou a comunidade, Nice faz um trabalho de revitalização do ensino da língua Kaingang e dos hábitos tradicionais. Quando participou pela primeira vez da Ação SIE, observando o trabalho dos outros colegas, pensou em ampliar os trabalhos que envolviam o canto, as cantigas, incluindo cantos que fossem interessantes para desenvolver a oralidade Kaingang. Então, a partir da SIE, Nice começou a propor no seu trabalho outros cantos, outras músicas, que foram e que são muito importantes para o seu trabalho. A Ação SIE foi extremamente importante para ela, para a sua comunidade e para as demais comunidades Kaingang.

Produzindo os materiais sonoro-educativos: criando, moldando e concretizando

Valmir ressaltou a importância do recurso financeiro recebido para participar da formação, como auxílio e para custeio das despesas dos professores durante a ação. Disse que cada povo trabalhou pensando nas terras indígenas, nos alunos das terras indígenas, para a produção dos materiais para serem usados com os alunos nas escolas indígenas. Valmir estava no grupo de trabalho da professora Marília Stein, que ficou responsável por conceber e organizar o CD de cantos kaingang de todas as comunidades do RS cujos professores quisessem participar com suas músicas. Nas rodas de conversa entre os professores participantes para pensar e discutir a questão da música, surgiu a importância de utilizar cantos indígenas, mesmo cantos traduzidos para a língua indígena, como uma atividade que colaborasse para o aprendizado do aluno indígena. De acordo com Ravanello (2017):

No âmbito desta ação, em 2015 um grupo de professores Kaingang, da aldeia da Guarita, RS, interessou-se pela elaboração de material musical para seus estudantes e demandou ao projeto a gravação de um CD. O segundo registro, também motivado pela confecção de materiais didáticos, envolveu diretamente, na concepção e realização, professores das escolas de diferentes comunidades Kaingang no RS.

Nice iniciou sua fala fazendo um contraponto entre os cantos Kaingang e as cantigas de roda de tradição luso-brasileira, difundidas amplamente no Brasil pelas grandes mídias e em muitas escolas de educação básica: “Os cantos da cultura Kaingang são mais tranquilos, já as cantigas de roda têm um ritmo totalmente diferente, são mais agitadas.” Ela compartilha que produzir os materiais foi engraçado, legal e desafiador, colocar um ritmo em cantos que não existem na cultura Kaingang. Foi um processo interessante de construção que aconteceu junto com os alunos dela e com os colegas da escola. Estava ensinando e aprendendo ao mesmo tempo, montando em aula, sentados juntos no meio do mato. Partiu dos alunos o momento de fazer, montar, cantar e a escolha das cantigas. Todos os alunos se envolveram para organizar o ritmo, os momentos da música. Durante este processo, iam surgindo coisas novas, jeitos e diferentes versões de cantigas, encontrando qual o tom e palavra que ficava melhor na música.

Durante a conversa com a professora Evanice, dúvidas foram surgindo, então perguntei a ela se já havia trabalhado com seus alunos cantigas de roda antes de começar sua participação na Saberes Indígenas na Escola. Nice contou que sim, que

a primeira cantiga que experimentou traduzir para o Kaingang foi “Sapo Não Lava o Pé”, mas que produzira antes:

[...] algumas poucas cantigas, bem limitada, em questão de sonhar, porque quando tu estás ali trabalhando, às vezes, tu fica presa, limitada. Mas a partir dos Saberes Indígenas na Escola, eu comecei a envolver outros cantos, ouvindo outras músicas, outros cantos que foram e que são muito importantes para o meu trabalho.

Fiquei pensando em como deve ter sido o processo de gravação, se haviam gravado na escola ou outro local, então pedi para Nice falar um pouco sobre essa questão.

Nice explicou que, para o CD de cantos produzido em 2017, contou com a colaboração da Ana Letícia¹³, estudante de Antropologia, que trouxe até a Aldeia Horto Florestal, na comunidade da Borboleta, onde vive, um gravador portátil e assim ajudou a fazer os registros de muitos dos cantos que Nice desejava integrar no álbum. Os cantos foram gravados tanto na escola quanto na casa da professora Nice. Também foi gravada uma lenda, gênero narrativo com que Nice gosta muito de trabalhar, porque envolve a oralidade.

(Re) significando os materiais pedagógicos da Ação SIE

Ao refletir sobre os significados que os materiais sonoros e educativos criados coletivamente na SIE tiveram para ele, Valmir responde que “esse material foi um ponto inicial, porque nunca tínhamos trabalhado a questão da música nas turmas”, e acrescenta que:

[...] a questão da música, eu gosto dessa parte de música, de cantos, até inclusive tem atividades assim que eu busco letras de música pra fazer uma interpretação. Eu gosto é de estudar a questão de música, seja do tipo que for, sabe, depende a turma com que eu esteja trabalhando.

Nice fala com carinho que o material produzido significa muito para ela e que agora ela está aprendendo a tocar violão. O material confeccionado na Ação SIE é muito importante para ela:

¹³A professora Evanice refere-se a Ana Letícia Meira Schweig, antropóloga que em 2017 estava realizando mestrado no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS e integrava a Ação SIE.

[...] porque as cantigas são meu instrumento de trabalho e vieram somar com as atividades que desenvolve. [...] Torna tudo mais prático para mim, e não só esse CD, os outros materiais de cantos que vieram através dos Saberes Indígenas. Por quê? Porque os Saberes Indígenas nos proporcionou buscarmos resgatar coisas que nós não tínhamos mais. Tu trabalha, trabalha, trabalha aquilo que está ali, na proposta, no PPP da escola, que é o que tu tem todos os anos. Mas os Saberes Indígenas nos proporcionou o quê? Buscar aquilo ali que não estava à mão, buscar o que estava perdido: os cantos da cultura que são maravilhosos. É um canto, mas ao mesmo tempo é uma reza. [...] é uma coisa que nós não tínhamos mais conhecimento. Por que? Pela situação, pela vida que se leva.

Evanice ficou muito tempo fora (das comunidades de Nonoai, onde viviam seus avós), morando quase toda vida em Porto Alegre, então ela perdeu o contato com os *Kófa*, que são os sábios que detêm o conhecimento da cultura.

Então, através dos Saberes, eu fui buscar, eu gravei conversas, eu entendi! Muitas vezes eu ouvia os cantos e não tinha noção, não tinha compreensão do valor que tinha através daqueles cantos, coisa que eu fui descobrindo através dos Saberes.

Práticas educativas e divulgação dos materiais pedagógicos da Ação SIE

Sobre o âmbito de circulação dos materiais da Ação SIE, Valmir conta que os materiais, as músicas, foram divulgados principalmente em eventos da escola, como reuniões e celebrações:

99% foi utilizado na escola. O que a gente faz pra divulgar esse material: a gente o utilizava em reuniões da escola, tipo entrega de boletim e datas festivas. Nós passávamos essas músicas que a gente tinha, da nossa formação e da outra. Acho que os outros 1% eu poderia dizer assim, é mais aqui na minha família, em casa e os meus vizinhos, que as crianças escutavam e estão cantando. Se tornaram da letra da música e cantam até hoje. E te digo mais, la (a música), foi utilizada nos alunos do 5° ao 9° ano. Então a gente tinha esse material de apoio, Muitas vezes, uma aula de língua Kaingang ou mesmo de geografia, que eram aulas/outras disciplinas ministradas por professores não indígenas, a gente fez um projeto aqui que se tivesse algum som, alguma música, tinha que ser esses cantos, essas músicas que a gente tinha no CD, que a gente fez ali com a professora Marília.

Valmir revela que utilizou os CDs *Kanhgág Vĩ Ki (Sabedoria Kaingang) - Música Kaingang (2016)* e *Týgtýnh Kanhgág Vĩ Ki (Sabedoria musical Kaingang) (2017)* na escola nas aulas de Português e de Kaingang, fazendo a tradução das músicas que estavam em português para kaingang e vice-versa, buscando a interpretação, o entendimento do que aquelas músicas estariam passando no contexto Kaingang,

mostrando, assim, que a música traz uma mensagem. Incentivava mais o 8º e 9º ano para que eles também buscassem alguns rituais, alguns cantos indígenas que existiam, que os pais ou que alguém conheçam para depois compartilhar nas turmas. Dessa forma, Valmir conseguiu outros cantos que ele usa como subsídio para trabalhar em outras turmas. Além disso, ele conseguiu trabalhar as classes gramaticais através das músicas.

Nice falou com ênfase que trabalha na escola com os CDs e livros da Ação SIE, e que inclusive naquele mesmo dia ela os havia utilizado. Apontou que os materiais são uma coisa que tornou o trabalho mais prático, gostoso de fazer. Nice conta que até tentou copiar o CD para o computador, mas não conseguiu e falou, acompanhado de um riso, que usa tanto o CD que não sabe como ainda não gastou. Ela promove atividades com seus alunos inclusive com os CDs que vieram de outras edições nas quais ela não participou da criação dos registros. “O material vindo dessa construção dos Saberes Indígenas facilitou muito o nosso trabalho e complementa em todos os sentidos.”

Sobre levar os materiais da Ação SIE para outros espaços educativos, Nice contou:

[...] faço palestras porque a questão das pessoas, da sociedade não conhecer as comunidades indígenas, não conhecer a cultura Kaingang, é algo que desde que eu comecei a trabalhar na escola, eu passei a ver de uma forma diferente, porque nós somos taxados de algumas coisas. Nós somos taxados das piores coisas. Índio é isso, Índio é aquilo. Então desde que eu comecei a trabalhar na escola, eu me coloco à disposição de ir em outras escolas, fazer participação nos encontros das CREs [Coordenadoria Regional de Educação], e tenho levado os CDs.

Nice tem compartilhado o conteúdo do CD com estudantes de Música. Ela já fez palestra na UNIJUÍ e na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), em Salto do Jacuí, utilizando o CD. O público não indígena acha muito interessante, gosta muito. Há uma boa aceitação, e parte do público parece ficar encantada, pede para ela as gravações do CD. Então a docente grava no celular e envia para essas pessoas. Nice atribuiu essa receptividade aos produtos da Ação SIE: “[...] com os CDs, com o material que eu consegui junto aos Saberes Indígenas, então é uma coisa que possibilitou também divulgar meu trabalho de uma forma mais prática e valorosa.”

Assim como a professora divulga e faz chegar as músicas Kaingang a um amplo público interessado, em contextos interculturais de formação de professores, no seu cotidiano escolar Nice também promove o acesso dos colegas aos cantos e estimula práticas musicais e interdisciplinares.

Nice relatou que os colegas dos Saberes Indígenas de outras comunidades entraram em contato com ela para saber como ela usava os materiais do CD das cantigas de roda. Eles trocaram informações sobre as atividades que realizavam. Eles e a professora Nice fazem teatro das cantigas no meio do mato. Os colegas da escola dela trabalham nas aulas de língua Portuguesa envolvendo a língua Kaingang. Nice diz que eles adoraram muito.

Nice explicou que todo ano ela retoma as atividades de formas diferentes, com atividades diferentes, mas os cantos continuam os mesmos do CD. Os alunos gravam os cantos do CD no celular e levam o áudio para casa. A professora faz teatro com os cantos e usa as cantigas de roda com as turmas do 1º ao 9º ano, na hora da educação de cultura Kaingang.

Evanice ainda nos diz que, na escola, realiza com as crianças as cantigas de roda na hora da Educação de Língua Kaingang, porque é uma hora da cultura, e cultura é oralidade, é dialeto; também usa em datas como a Páscoa. Nesta ocasião, ela trabalha a música do coelhinho, mesmo não sendo uma música da cultura Kaingang, porque ela acredita que esta música tem uma didática interessante envolvendo números e cores. No início do ano letivo, Evanice e seus alunos escutam e realizam os cantos de luta, de esforço coletivo e de viver junto. Em setembro ela trabalha o Hino Nacional e o hino gaúcho. Ela também utiliza o material para alfabetização na língua Kaingang.

Valmir nos conta que o aluno indígena da universidade e o aluno não indígena devem se complementar e que ele foi alfabetizado em língua portuguesa por professores não indígenas. A opinião pessoal do Valmir, como professor indígena, é que esse material veio somar junto ao trabalho dos professores indígenas. Este material deve ser expandido, valorizado, acessível e difundido dentro da sociedade não indígena porque vai mostrar o trabalho dos professores Kaingang e do povo Kaingang, porque ali também está a questão da cultura Kaingang, da valorização da língua, do espaço político da língua do povo Kaingang. O professor e o aluno indígena vêm somar com o professor e o aluno não indígena. O estudante indígena tem suas

diferenças, sua cultura, seus hábitos e seus conhecimentos que podem com certeza ser agregados com o estudante não indígena. O que preocupa o professor Valmir é que surgem outras pesquisas de estudantes e professores de universidades a partir do trabalho dos Kaingang. Ele ressalta que não é contra, mas a preocupação dele é que muitas vezes esses estudos parecem que surgiram do nada, são “adonados”, as pessoas se apropriam, e esse trabalho não retorna, não chega nas aldeias indígenas. Não são todos que agem desta forma, mas tem pessoas que não dão o retorno para os professores indígenas e nem para as lideranças indígenas.

Mas por outro lado, eu acho que é uma coisa nova, então eu sou dessa ideia, que venham se complementar, tanto o aluno indígena de universidade quanto o aluno não indígena. Eles devem se complementar. (...) Mas esse compartilhamento de ideias, hoje, eu vejo como fundamental para que também a gente possa ter essa política de fortalecimento, de revitalização, não só da língua, mas de outros setores, como os das ervas medicinais, da alimentação e outros conhecimentos que a gente, como indígena, possui.

De acordo com Nice, é interessante e muito importante que os CDs e livros Kaingang realizados na Ação SIE circulem e sejam divulgados também em espaços interétnicos, como universidade e outros espaços culturais e educacionais da sociedade em que indígenas e não indígenas compartilham experiências, porque as pessoas não indígenas generalizam os povos indígenas. A história do Brasil foi um misto, com um povo tão numeroso como o povo Kaingang aqui do Rio Grande do Sul. Nice nos indaga:

Mas o que eu quero dizer? Eu acho que é importante. Porque? Porque as pessoas não conhecem, falam de, costumam dizer os povos indígenas. Mas qual povo que tem aqui? Como eles são? Como vivem? Qual o dialeto? Tem uma língua? Não tem? É tudo mesmo? Eu acho importante nesse sentido. Eu acho que quanto mais divulgado, eu acho que isso é interessante sim, para uma questão de que somos um. O meu povo Kaingang, eu vou te dizer, eu sempre vi muito invisível. Não é muito falado.

Nice nos diz que o trabalho das cantigas e diversas outras tantas produções interessantes devem ser divulgadas, porque falam sobre a visão de mundo que o povo Kaingang tem, que é tão rica, e que ninguém conhece. É preciso divulgar esses materiais para quem estuda, para quem trabalha com música, mostrando as músicas traduzidas do Português para o Kaingang. Desta forma, a oralidade dela e do povo Kaingang estará presente em outros espaços.

Avaliando a formação continuada

Na visão de Valmir, a inserção da música de maneira mais sistemática na escola através de registros sonoros, como os álbuns da SIE, promoveu reflexões não só no âmbito da disciplina de linguagem, mas em todas as áreas de conhecimento da escola:

[...] a escola continua trabalhando não só a questão das músicas indígenas. Eu que participei do grupo das músicas, fiz com que outras disciplinas também tivessem alguma atividade com música. Aulas de Geografia, História, porque cada povo tem uma identidade através da música, não só os Kaingang. Os Guarani a gente sabe que têm, porque eles também gravaram algumas músicas na língua deles.

Valmir segue nos dizendo que uma coisa positiva que aconteceu foi que, a partir dos materiais da Ação SIE e dos trabalhos com música, foram criados, na escola, festivais de música, realizados duas vezes ao ano. Os alunos que participaram receberam uma medalha e os alunos que se envolveram mais com a proposta receberam um troféu. Os festivais eram divididos em categorias. O último festival realizado foi de música tipo sertaneja nas categorias individual, dupla ou trio. Os alunos escolhiam as músicas com o professor de área e o professor Valmir colocava em ordem as estrofes e pedia para os alunos fazerem a tradução para o Kaingang. Eles eram livres para cantar em Kaingang ou em Português. Era utilizado um *playback* para cada música. Foi um momento muito importante e trouxe para junto da escola as mães, os pais e a comunidade. Agora estão há dois anos sem realizar o festival, devido à pandemia.

Frente a uma dúvida minha sobre o uso dos materiais, formulei a pergunta sobre se os CDs eram unicamente trabalhados a partir do 5º ano, ou se os professores também o haviam utilizado com as crianças menores, se elas também ouvem esse material. Na resposta, Valmir explica que dá aulas do 6º ao 9º ano, mas que as turmas de 1º ao 5º ano tiveram oportunidade de conhecer os materiais com o professor Juarez, que também é Kaingang e mora na comunidade. Disse que o professor Juarez, assim como o próprio Valmir, utilizou a metodologia de fazer os alunos cantarem, de criar dramatizações a partir das músicas e de produzir desenhos.

Um encontro: a recepção dos CDs de música Kaingang pelos alunos das escolas

Valmir nos conta que uma novidade sempre é importante em qualquer lugar e assim também foi na escola indígena deles. Quando o material chegou lá, distribuído pelas coordenadorias de educação da região, a escola começou a botar a música do CD para rodar, e os alunos gostaram muito.

Eu tenho certeza que se nós dermos continuidade a questão da música, porque ela não é só uma questão da área das linguagens, é uma questão de história, geografia, valores culturais e de arte, mas daí veio a pandemia e a escola parou, ficou fechada.

Nice, por outro lado, lembra em relação a suas práticas pedagógicas envolvendo música que iniciou o trabalho com as cantigas em 2011. Ela trabalhou, naquela época, com os maiores, a música “O Sapo não Lava o pé”, em Kaingang. A primeira reação dos estudantes foi de estranheza, mas depois eles adoraram. Quando ela realiza cantigas de roda na aula, mesmo as crianças sendo as maiores, elas gostam e têm muito carinho e ajudam os menores.

Em um relato que achei marcante, Nice contou sobre uma experiência vivenciada por uma aluna de 17 anos que já saiu da escola, porque está no primeiro ano do ensino médio. Esta aluna voltou para visitar a escola em uma atividade sobre o mês da mulher e contou que, na nova escola onde estuda, cantou em Kaingang a cantiga do gato¹⁴, para os colegas de aula, para afirmar sua identidade Kaingang, quando questionada se era “índia” de verdade. Todos na nova turma ficaram encantados.

De produtos a processos pedagógicos: transformações?

Havia uma pergunta que eu havia planejado em meu roteiro de entrevista que dizia respeito às mudanças nas práticas de ensino na escola que porventura a interação com os materiais sonoros da Ação SIE teria promovido. No entanto, no momento da entrevista com o professor Valmir, eu não senti a necessidade de realizar essa pergunta, porque acreditei que ele já a havia respondido nas falas anteriores. Eu estava nervoso e era minha primeira entrevista. Depois, analisando os dados, senti não ter perguntado, mas, ao mesmo tempo, dei-me conta de que em várias de suas respostas Valmir nos revelou que o material produzido na Ação SIE tem sido utilizado

¹⁴Refere-se a Atirei o Pau no Gato, brincadeira cantada brasileira cujo registro em Kaingang consta do álbum sonoro de 2017 da Ação SIE.

como material de apoio para as suas aulas, quando não estão no centro de projetos e criações artísticas, como cenas de teatro com as músicas. Revelou, em síntese, que a música trouxe uma situação positiva para as suas aulas.

Nice, por sua vez, descreveu como o uso desse material gerou muitas mudanças em sua rotina docente. Porque a primeira proposta que desenvolveu a partir de uma canção em Kaingang (em 2011) envolvia trabalhar uma cantiga falando sobre a higiene e importância da água (cantiga do sapo). Agora, com o acesso aos CDs da Ação SIE, são vários cantos que estão à disposição, tomando uma proporção muito maior nas dinâmicas das suas aulas. Tem outras tantas que ela vai buscando, mudando. O uso das cantigas continua e vai crescendo. Disse que tem muito mais para a professora Marília conhecer, como que lançando um desafio a que se volte a fazer gravações sonoras na SIE. O uso das canções foi muito importante para ela e para a escola, agora as colegas de escola trabalham junto com ela. Nice relata que no encontro de Passo Fundo¹⁵, ela apresentou uma cantiga para os colegas de formação e eles questionaram o porquê de não ter outras cantigas. Não só nesse encontro, mas em tantos outros e nas aldeias nos momentos de conversas, onde houve muita troca e reflexão sobre o jeito dela de trabalhar.

Novos caminhos, recomeços e partilhas

Valmir narra que no início as músicas foram bem escutadas. O Hino Riograndense foi muito discutido, muito cantado, mas, após o festival, surgiram outras músicas que os Kaingang conhecem através do não índio e que, se tivesse uma maneira de continuar o projeto da Ação SIE, seria incluir essas outras músicas que surgiram com o festival, com as turmas do 6º ao 9º ano, ritmos tipo banda, sertanejo, gauchesca. Declarou que seria interessante ampliar o projeto e não ficar só nos alunos das séries iniciais, mas também pensar nos alunos que conhecem outros ritmos de música.

Na fala da professora Nice, ela revela que gostaria que as músicas tivessem sido gravadas com o dialeto dela, da forma como ela idealizou, pois, de acordo com ela, o povo Kaingang possui quatro dialetos. Compartilhou que, como ela está trabalhando e não tem muito tempo de buscar, de pesquisar, ela também sugere que

¹⁵Refere-se a um encontro da Ação Saberes Indígenas na Escola realizado em Passo Fundo em 2016.

fossem buscados cantos que não são gravados, cantos que ela não tem conhecimento, que são os cantos tradicionais da cultura Kaingang, ancestrais, mais antigos, cantos maravilhosos e que não são muito numerosos. Quem detém esse conhecimento dos cantos tradicionais Kaingang são os *Kófa*. Quando se perde eles, é um saber que vai embora junto. Diz que são cantos a que os próprios Kaingang não têm acesso, assim como o fóg (não indígena) não tem, então, por que não gravar?

4.3 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA ESCUTA

Para mim, as reflexões trazidas pelos professores revelam com nitidez suas análises sobre o tema dos materiais educativos e musicais formulados na Ação SIE e cada questão pesquisada como dimensões de aprofundamento desse âmbito, como seus significados, usos e circulações. Gostaria de destacar alguns pontos que me pareceram particularmente importantes nas falas dos professores Kaingang. O primeiro aspecto é a ênfase no posicionamento político que os dois professores fazem. Assim que Evanice e eu nos encontramos para conversar, ela inicia sua fala contando sobre a luta do povo Kaingang para a retomada de suas terras tradicionais. No decorrer da entrevista, analisa o preconceito que as pessoas indígenas sofrem no Brasil, por atitudes de pessoas não indígenas que estigmatizam e depreciam quem é diferente do padrão cultural e étnico eurocêntrico: “Nós somos taxados das piores coisas”. Já Valmir traz essa temática ao falar sobre a necessidade de valorização do espaço político da língua Kaingang. Além disso, ao término de nossa conversa, que reproduzo adiante - na seção que eu intitulei como “Declaração final do Professor Valmir” - o professor fala sobre a importância das políticas reparatórias: é preciso valorizar um povo que sofreu muito, referindo-se à história de violência sofrida pelo povo Kaingang por parte dos colonizadores desde 1.500 e posteriormente também pelo Estado Nacional.¹⁶ A antropóloga, etnomusicóloga e violoncelista Mônica Arnt refletiu, em uma Live realizada para o POA Vocal Festival, sobre a importância dos pesquisadores e outros profissionais não indígenas tratarem com respeito e interesse as sonoridades originárias, somando-se à luta pelos seus direitos, a partir de alguns

¹⁶Podemos compreender um pouco dessa trajetória de violência, expropriação e luta através da pesquisa de mestrado de Danilo Braga, intitulada A história dos Kaingang na luta pela terra no Rio Grande do Sul: do silêncio, à reação, a reconquista e a volta para casa (1940-2002), finalizada em 2015. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181454?locale-attribute=pt_BR.

sentidos que interpreta serem atribuídos pelas pessoas indígenas à circulação de suas práticas musicais em contextos interculturais:

Vocês viram que esses grupos indígenas estão buscando mostrar: “nós estamos aqui, a gente tem direito a um território tradicional, constantemente ocupado que foi expropriado”. E a desigualdade socioeconômica é muito grande. Então, sempre que a gente valoriza e respeita essas manifestações dos grupos indígenas, a gente também está fortalecendo a luta destes coletivos no cotidiano. (ARNT, 2020).

Acreditamos que essa pesquisa procura valorizar os conhecimentos trazidos por esses povos milenares que “sempre” estiveram aqui. Ainda de acordo com Arnt (2020):

O pesquisador pode ser este canal de divulgação da musicalidade indígena, destes aspectos culturais, que são tão interessantes e que chamam tanto a atenção e que ao mesmo tempo são tão invisíveis. (ARNT, 2020).

Como segundo ponto da minha análise conclusiva, eu gostaria de destacar, dos ensinamentos promovidos por Nice e Valmir, um aspecto cultural Kaingang que parece ser reiterado pela professora Evanice e outros colegas professores de outras escolas e terras indígenas nas suas aulas. Quando Nice descreve os “Teatrinhos no meio do mato com as músicas do CD”, chama a atenção para um ambiente - o mato - muito caro ao seu povo. O jovem pesquisador Kaingang, graduando em Música pela UFRGS, Gilson Ferreira (2018) analisa uma narrativa gravada no CD Kanhgág Kãme (Narrativas Kaingang), intitulada Vysã ke ag vênhkajrãn (8’58”; faixa 10). Conforme Ferreira, nessa história o professor Miguel Rãrin, da Terra Indígena da Guarita, conta sobre a espiritualidade que envolve as relações cotidianas das pessoas com a mata e os animais. Ainda conforme o autor, tanto os cantos quanto as narrativas registradas nos CDs do estojo Kaingang produzido em 2017 pela Ação SIE remetem à categoria tónh, que em Kaingang significa os espíritos que constituem o mundo em que vivemos. (FERREIRA *apud* ZANATTA; STEIN, 2020, p. 82-83).

O terceiro ponto que gostaria de destacar refere-se a uma explicação de Nice sobre o processo de produção das cantigas de roda para o material SIE. Ela disse que foi um processo interessante de construção que aconteceu junto com os alunos dela e com os colegas da escola. Estava ensinando e aprendendo ao mesmo tempo, montando em aula, sentados juntos no meio do mato. Partiu dos alunos o momento de fazer, montar, cantar e a escolha das cantigas. Todos os alunos se envolveram

para organizar o ritmo, os momentos da música. Para o primeiro Doutor Kaingang da UFRGS (em Educação, pela FAGED), Bruno Ferreira (2020, p. 133), “Os Kaingang consideram a criança com capacidade de construir e transmitir conhecimentos e, assim, a respeitam como ela é, as aceitam como partícipes ativas e efetivas em todos os processos de construção de conhecimentos”.

4.4 INTERLOCUÇÕES MUSICAIS E PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS

Finalizo essa minha reflexão falando sobre de que maneira estes materiais sonoro-musicais educativos originários podem contribuir para a descolonização nas escolas *fóg* e *jurua* (não indígenas) e também as escolas diferenciadas Kaingang e Mbyá Guarani.

No artigo Interlocuções entre a etnomusicologia e a educação musical, a educadora musical, Daisy Fragoso (2015, p. 2) afirma que “as crianças (nas escolas de educação básica, no Brasil) costumam ter muito prazer em cantar canções em outra língua, tocar músicas de diferentes povos e participar de jogos de diversas culturas”. Ainda sobre a descolonização do currículo, Fragoso remete à reflexão da educadora musical Teca Alencar de Brito sobre a proposição de atividades musicais com base em repertórios sonoros indígenas para estudantes não indígenas:

Através da audição destas novas músicas, que não fazem parte do cotidiano das crianças, elas percebem que o conceito de música é mais amplo do que se pensa; que há novas e diferentes possibilidades musicais; que a música contém muitas músicas, próprias a tempos e espaços diversos e singulares (BRITO, 2007, p. 33 *apud* FRAGOSO, 2015, p. 2).

A recíproca também é verdadeira. Ora, as cantigas de roda luso-brasileiras não fazem parte da cultura tradicional Kaingang, compreendida como um patrimônio imaterial milenar, apesar de complexo e sujeito às dinâmicas de dentro das comunidades e interculturais. Evanice descreve as cantigas de roda como músicas com “ritmo agitado”, e que as músicas Kaingang são “mais tranquilas”. Mesmo assim, com o reconhecimento dessas diferenças culturais e as reações diversas que as diferentes manifestações sonoras provocam nos alunos, o professor Valmir relatou que os alunos Kaingang gostaram muito dos materiais produzidos na Ação SIE e a professora Evanice contou que, quando ela utiliza cantigas de roda nas aulas, mesmo os alunos maiores gostam e têm muito carinho pelas cantigas, ajudando também os menores.

O professor Valmir, quando perguntado sobre sua posição quanto à circulação ou difusão intercultural dos materiais produzidos na Ação SIE, considerou que o professor indígena vem a somar com o professor não indígena e com o estudante não indígena. Ele analisa que o estudante indígena tem suas diferenças, sua cultura, seus hábitos e seus conhecimentos que podem ser agregados ao aluno não indígena. Ressalta que o aluno não indígena e o aluno indígena devem se complementar e que esse encontro pode propiciar a valorização dos conhecimentos Kaingang e dar visibilidade para o povo Kaingang. Fragoso (2018, p. 166), vai ao encontro desse posicionamento, refletindo especificamente sobre a escola e estudantes não indígenas:

Propõe-se que os saberes de diferentes culturas cheguem aos estudantes de tal modo que tanto as culturas a que tais saberes pertencem sejam conhecidas e valorizadas, quanto as habilidades musicais e sociais que podem ser desenvolvidas por esse contato sejam viabilizadas ao aluno. (FRAGOSO, 2018, p. 166).

Enquanto estudante de licenciatura em música, preparei uma aula sobre música Kaingang, para a disciplina de Análise e Produção de Materiais Didáticos. Escolhi uma das canções de ninar gravadas em 2015 pelos professores Kaingang da Ação SIE, que consta do CD de cantos publicado em 2016. Como uma das formas de me aproximar da canção, fiz uma transcrição da partitura. Ouvei diversas vezes, tentando entender bem o som dos fonemas da língua Kaingang, apreciando a beleza das vozes, do coletivo e percebendo um ritmo diferente, que me pareceu bem livre, uma métrica não colonizada. Então por uma limitação minha na utilização do software, não consegui escrever sem os compassos, mas essa foi a minha vontade no momento da transcrição, em respeito à cultura Kaingang. Durante o desenvolvimento da aula junto a meus colegas da disciplina, falamos sobre a tradução, sobre o contexto e pudemos ouvir a música acompanhando a partitura. Expus a minha percepção quanto ao aprisionamento da melodia nos compassos. Foi uma forma de explorar, divulgar e valorizar um dos materiais produzidos na Ação SIE, dentro de um espaço educativo.

Kaféj vŷ goj kri nãgnãr

Edição:
Francis Padilha

Uma folha viaja no rio. Essa folha ondula, viajando no rio.
Na fazenda de milho, a cobra chacoalha. Cha... Cha... Cha...

Povo Kaingang
Saberes Indígenas na
Escola - UFRGS

$\text{♩} = 130$

Ka-féj vŷ goj kri nãg-nãr Ka-féj ên nãg-nãr Gojkri ti nãg - nãr

10

GãrRã to ē - pŷ ki GãrRã to ē - pŷ ki Pŷn vŷ nŷ kŷ tŷ mŷ sa sa sa ka-féj vŷ sa sa

20

sa

Figura 16 - Partitura produzida para uma aula de música Kaingang dentro da disciplina de Análise e Produção de Materiais Didáticos.

Ainda sobre a abordagem musical em contextos interculturais, a professora Evanice falou sobre o impacto causado pela utilização dos CDs durante as palestras que ela realiza nos encontros de CREs, UNIJUÍ e na UERGS, como um material que tornou a palestra mais "valorosa". Relatou que muitos professores e estudantes de música que assistem às suas palestras pedem uma cópia do material para ela. Acredito que os materiais, sonoro-musicais, produzidos na Ação SIE podem oportunizar a presença de uma música diferente da eurocêntrica à sala de aula, tanto nas escolas de educação básica quanto nas universidades, contribuindo para descolonizar o currículo de música, enriquecendo assim a aula de música com outras sonoridades de povos que têm um modo de vida diferente do não indígena, e que certamente trarão novas contribuições à área da Educação Musical.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurei expor as práticas dos professores(as) Kaingang nas escolas diferenciadas em que atuam, respeitando sua cultura, o modo Kaingang de ver e fazer a educação nessas escolas. Em especial, analisei com a professora Evanice Kutá da Silva e o professor Valmir Cipriano suas abordagens educacionais a partir dos materiais educativos e musicais produzidos em 2016 e 2017 na Ação Saberes Indígenas na Escola - Núcleo UFRGS.

Procurei respeitar o protagonismo das vozes Kaingang e escutá-las, fazendo ecoar seus saberes compartilhados conosco, através do percurso trilhado durante a pesquisa. Muitas palavras continuam ressoando em minha mente, como que indicando novas possibilidades: Desejo, Sonho, Luta, Oralidade, Cantos, Tradições, Desafiador, Construção, Aprendizado, Aluno, Professor, Povo, Comunidade, Projeto, Sonoridade, Apoio, Pesquisa, Identidade, Kaingang, Rituais, Valores, Respeito e Visibilidade. Valmir e Evanice nos mostraram diferentes perspectivas para a educação no nosso país, contribuindo para uma possível descolonização do currículo de música nas escolas de educação básica, tanto indígenas - pela valorização de sonoridades tradicionais e novas, em sua relação com espiritualidade e coletividade e em perspectiva interdisciplinar - quanto não indígenas - pela compreensão de sonoridades pouco difundidas midiaticamente e relacionadas a povos originários e suas lutas, pela ampliação da experiência de estar no mundo e aprender na perspectiva da interculturalidade, pela abertura a relações entre diferentes mundos, comunidades e pessoas, através da música. Me senti grato ao povo Mbyá Guarani e Kaingang por partilhar conosco das suas sonoridades originárias e cosmologias. Acredito que a reflexão destes saberes ancestrais e milenares pode promover experiências que nos aproximem do reconhecimento da alteridade, do compartilhamento de saberes com culturas e contextos educacionais diferenciados, contrastantes aos hegemônicos presentes no currículo de música atual, nas escolas de educação básica e na universidade.

Considerações finais da Professora Evanice

Olha Francis, espero ter contribuído em alguma dúvida que tu tenhas. Falar dos Saberes, é sempre, pra mim, muito importante, porque tudo aquilo que eu acho

interessante saber, os Saberes Indígenas na Escola me proporcionaram. É a troca. É o encontro. O valor maior que eu não ia encontrar se não fosse através da formação nos Saberes, porque eu moro distante das outras comunidades, da minha terra indígena. Eu sou do Paraná. Meu avô foi cacique em Nonoai. Então eu venho de uma reserva, de terras indígenas de povo numeroso e, quando menina, saí da aldeia por motivo de doença com a minha família e nunca mais retornei. E isso eu tinha 5 anos. Quando eu saí de lá, eu deixei de ter esse contato que só os Saberes me proporcionaram, estar em contato com outras pessoas, outros parentes, que têm essa vivência que eu não tenho. Então foi muito importante para mim fazer parte desse grupo e é importante.

Considerações finais do professor Valmir.

Eu penso, sou grato a essas pessoas não indígenas quando eles tratam da questão indígena. A gente sabe que hoje a língua indígena, a cultura indígena está passando, sempre passou, por diversas situações não favoráveis. Hoje, graças a Deus, pela nossa formação como indígena, em vários setores, a gente vem tentando colocar realmente como é. É como eu lhe disse, antigamente a minha liderança tinha uma ideia diferente: “índio é índio e branco é branco”. Hoje a gente vê que não é assim a situação. Eu acho que a gente tem que se unir, tem que procurar respeitar as nossas diferenças. Eu acho que a gente tem capacidade de ouvir a opinião do outro e tentar melhorar a si mesmo, e fazer, cada um na sua realidade. Então se você for aluno hoje, não indígena, reproduzirem o pensamento indígena, com certeza vai ajudar muito as comunidades indígenas a questão de valorização. Eu quero que você pense neste sentido, de estar valorizando o povo que sofreu muito, que vem sofrendo diversas situações. Quero que vocês pensem nisso como estudantes não indígenas, que vocês estão primeiramente valorizando um povo milenar, que sempre esteve aqui. Temos a nossa ancestralidade, os nossos conhecimentos, dos antigos que passam pra nós, e no momento que vocês não indígenas estão tentando continuar um trabalho que a gente fez, que a gente tentou fazer da melhor maneira possível, claro que ele tem os seus defeitos, não de ter defeitos, mas a gente podia ter, de repente, melhorado em algum lugar, em algum momento. Então eu acho que você, como aluno não indígena, está no caminho certo e te agradeço como professor Kaingang essa tua vontade, essa tua garra de tentar conversar conosco, professores indígenas. Isso me mostra, na tua

pessoa, que eu posso ter confiança em ti, que você vai tentar fazer, como eu disse, valorizar a questão indígena, em diversos setores. Se tu fizer, continuar assim valorizando a questão da música do povo Kaingang, não é, como eu disse, não é só a questão da língua, ela tem a cultura, tu pode trabalhar uma localização, fazer uma geografia em cima dos cantinhos que a gente tem. Então eu te agradeço como professor, como Kaingang aqui da terra de São Valério do Sul, da terra de Inhacorá, te agradeço por ter me procurado para saber mais. Eu creio que é dessa forma que a gente vai estar contribuindo com o povo e com os que vêm buscando a formação, que são os nossos filhos, nossos netos, nossas escolas das terras indígenas.

REFERÊNCIAS

- ARNT, Mônica. **Investigação Etnomusicológica e Práticas Musicais Kaingang e Mbyá Guarani no Rio Grande do Sul**. Live com Mônica Arnt, pesquisadora de etnomusicologia. POA Vocal Festival, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wxv5YWDdbaU>. Acesso em: 3 maio 2022.
- BERGAMANSCHI, Maria Aparecida; MENEZES, Magali Mendes de. Saberes indígenas na Escola – Núcleo UFRGS: resistência da memória. In: ZANATTA, C. *et al.* **Saberes Indígenas na Escola /UFRGS: memórias e resistências**. Porto Alegre: Cirkula, 2020. p. 17-34.
- BRAGA, Danilo. **A história dos Kaingang na luta pela terra no Rio Grande do Sul: do silêncio, à reação, a reconquista e a volta para casa (1940-2002)**. 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/181454>. Acesso em: 3 maio 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1.061, de 30 de outubro de 2013. Institui a Ação Saberes Indígenas na Escola. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ed. 212, p. 44, 31 out. 2013. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/31176465/do1-2013-10-31-portaria-n-1-061-de-30-de-outubro-de-2013-31176461. Acesso em: 3 maio 2022.
- CANTANDO FEMINICIDIO. MC Anaranda. Clipe, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=41SZjK9DZg8>. Acesso em: 3 maio 2022.
- CIPRIANO, Valmir. **Reflexões sobre práticas de ensino bilíngue kaingang e português na terra indígena Inhacorá**. 2020. 64 f. Monografia (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204949>. Acesso em: 18 maio 2022
- DICIO: Dicionário Online de Português. **Alteridade**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alteridade/>. Acesso em: 3 maio 2022.
- ETNOMUSICOLOGIA UFRGS. **Yv'y Poty, Yva'á**. Porto Alegre, 28 abr. 2022. 1 vídeo, 59min10s. Disponível em: https://youtu.be/6azHQpeyFf0?list=PLLhBhh8_kJtigmlyNULBRcrN52Xdwim7G. Acesso em: 3 maio 2022.
- FERREIRA, Bruno. **O papel da escola nas comunidades Kaingang**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

FERREIRA, Gilson. Música e espiritualidade Kaingang. Resumo. In: Salão de Iniciação Científica, 30., 2018, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

FRAGOSO, Daisy. Interlocuções entre a Etnomusicologia e a Educação Musical. **Revista Música**, v. 18, n. 1, p. 143-169, 2018.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

JEREROAYU. BERGAMASCHI, M. A.; MENEZES, M. *et al.* **Jereroayu**. 2016. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/saberessindigenas/wp-content/uploads/2021/09/JEREROAYU-final.pdf>. Acesso em: 3 maio 2022.

KANHGÁG AG KAJRÓ TY GIR MRÉ TY RÂNHRÂJ KE. MENEZES, M. *et al.* Cantos, Narrativas e Cartilhas. Porto Alegre: Saberes Indígenas na Escola, 2017. 2CDs.

KANHGÁG VÍ KI. BERGAMASCHI, M. A.; MENEZES, M. *et al.* **Jereroayu**. 2016. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/saberessindigenas/wp-content/uploads/2021/09/KANHGAG-VI-KI.pdf>. Acesso em: 3 maio 2022.

KANHGÁG VÍ KI - MÚSICA KAINGANG. BERGAMASCHI, M. A.; MENEZES, M. *et al.* Música. Porto Alegre: Saberes Indígenas na Escola, 2016. 1CD.

MC ANARANDA. MC Anaranda. Clipe, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5XxkX1THZrw>. Acesso em: 3 maio 2022.

NHANDÉ VA'E KUE MEME'Í. **Os seres da mata e sua vida como pessoas**. Rafael Devos; Vherá Poty (dir.). Porto Alegre: NPPPI/SMDHSU/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2010. Documentário. Parte de 1 DVD. (27:00) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zKXcoUX--WA>. Acesso em: 3 maio 2022.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice. **Cantos da Floresta**: iniciação ao universo musical indígena. São Paulo: Peirópolis, 2017. 336p. Inclui CD.

RAP CRISTAL QUEBRADO. MC Anaranda. Clipe, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MNYx-85jM-8>. Acesso em: 3 maio 2022.

RAVANELLO, Alexandre. Registro de cantos Kaingang: Reflexões comparativas de duas experiências etnomusicológicas. Resumo. In: Salão de Iniciação Científica, 29., 2017, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

SABERES INDÍGENAS - UFRGS. **Yvy Rupa** (Território Mbyá-Guarani). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/saberessindigenas/?p=474>. Acesso em: 03 maio 2022.

STEIN, M.; RAVANELLO, A.; FERREIRA, G. Registros etnomusicológicos colaborativos: narrativas Guarani Mbyá e cantos Kaingang In: VIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia, 2017, Rio de Janeiro. VIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia Caderno de Resumos. 2017.

Disponível em: <https://www.abet.mus.br/wp-content/uploads/2018/11/ANAIS-VIII-ENABET-RJ-2017.pdf>

STEIN, Marília. **Kyringüé mborai**: os cantos das crianças e a cosmo-sônica Mbyá-Guarani. Tese (Doutorado em Música - Etnomusicologia) - Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17304>

STEIN, Marília. Mborai Mbyá-Guarani: expressões performáticas de um modo de ser cosmo-sônico. In: ROSADO, R.; FAGUNDES, L. F. (org.). **Presença Indígena na Cidade**. Porto Alegre: NPPPI/SMDHSU, 2013. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smdhsu/usu_doc/presencaindigenafevereiro.pdf.

TE PROCURO ROHEKA. MC Anaranda. Clipe, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gtjLMj0QneY>.

TỸGTỸNH KANHGÁG VĨ KI. MENEZES, M. *et al.* **Cantos**. Porto Alegre: Saberes Indígenas na Escola, 2017. 1CD.

WLASH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12-42. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1qsxk62GkTWitL5NS6wrkqgualbBINzz4/view?usp=sharing>

YVY POTY YVA'Á [som]. In: LUCAS, Maria Elizabeth; STEIN, Marília R. A. (org.). **Yvy Poty Yva'á**: flores e frutos da terra: Mbyá mborai nhendú: cantos e danças tradicionais Mbyá-guarani. 2. ed. Porto Alegre: Iphan/. Porto Alegre: Iphan/Grupo de Estudos Musicais/PPGMUS/UFRGS, 2012. Disponível em: <https://www.dropbox.com/sh/6fs3cm2surzlv2e/AABvNS5DuXVa4nLVCQ38RCCca?dl=0>. Acesso em: 3 maio 2022.

ZANATTA, Claudia; STEIN, Marília. Percepções de como os professores Guarani e Kaingang conceberam os materiais didáticos. In: ZANATTA, C. *et al.* **Saberes Indígenas na Escola /UFRGS**: memórias e resistências. Porto Alegre: CirKula, 2020. p. 55-90.